

Nicolau Araújo Vergueiro

Organizado por:
Marinês Dors
Marco Antonio Damian

Memórias do Dr. Vergueiro
Volume 2
transcrito



2011

NOTA do Projeto Passo Fundo

O presente trabalho foi digitado e organizado por: **Marinês Dors e Marco Antonio Damian** e gentilmente disponibilizado nas páginas do Projeto.

Os originais são 8 volumes manuscritos, redigidos pelo Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, entre 11/07/1935, data de seu primeiro relato, até 3/11/1937, data de seu último texto.

Algumas palavras podem estar redigidas na grafia da época, podem conter erro em virtude da interpretação da grafia manuscrita original ou por simples erro de digitação.

Pedimos desculpas e agradecemos às contribuições que recebermos.

Os 8 volumes, digitalizados dos originais, que se encontram no Acervo Nicolau Vergueiro sob a guarda no Arquivo Histórico Regional, onde os interessados poderão manusear os próprios livros, estão digitalizados e disponíveis na página do Dr Nicolau, neste site.

Estes livros chegaram ao Projeto Passo Fundo, pela generosidade do Sr. Nicolau Vergueiro Malheiros, neto do autor, que houve por bem, abrir a sala que a 50 anos permanecia fechado a pedido do Dr. Vergueiro, liberando seu acervo para conhecimento da comunidade.

Estes volumes e outros, especialmente os de autores Passo-fundenses e muitas Leis e Atos promulgados pela Intendência de Passo Fundo, foram digitalizados, alguns foram também digitados e transformados em PDF, para melhor acesso às informações.

Estes trabalhos estão disponíveis no site do *projetopassofundo.wiki.br*, para cópia gratuita.

Todo o acervo do Dr. Vergueiro foi entregue aos cuidados do Arquivo Histórico Regional, onde estão, também, a disposição de interessados.

O extenso acervo do Dr. Vergueiro, disponível para pesquisadores e historiadores, ainda não foi desvendado definitivamente. Este trabalho é apenas um pequeno esboço do que se dispões para estudo e, agradecemos o interesse de nossos utilizadores e conclamamos aos estudiosos para que se debrucem sobre esta rica fonte de pesquisa, para trazer mais e mais luzes à história de nosso primeiro século de existência.

Com nossos cumprimentos

Sumário

081 O MEU ANEL pg. 1	5
082 PÉ 42 pg. 9	8
083 NÃO QUERIA CASAR pg. 12	9
084 A MORTE DE JOVINO pg. 15	10
085 VÍTIMA INOCENTE pg. 20.....	12
086 AOS PACOTES pg. 27.....	15
087 CHÁ DE RATO pg. 31.....	17
088 MEU TINTEIRO pg. 34.....	18
089 POR ONDE SAIU? Pg. 36.....	19
090 CONSULTA DE JUDEU pg. 38.....	20
091 RAZÃO PARA TRÊS pg. 43	22
092 CALOTEIRO pg. 50.....	25
093 PRESENTE GREGO pg. 54.....	27
094 RELAÇÃO NOMINAL pg. 58	29
095 PIOR QUE ÉGUA pg. 63.....	32
096 PEDINCHAR pg. 68.....	35
097 IN MEMORIAN pg. 72	36
098 UMA CONFERÊNCIA pg. 76.....	38
099 NÃO É AÍ pg. 86	43
100 O CENTÉSIMO pg. 91.....	45
101 SAYONARÁ pg. 100	49
102 MONSTRO pg. 103.....	50
103 TRISTE FIM DE VIDA pg. 106	51
104 ERRO DE PONTARIA pg. 113	54
105 CORONEL DIDITO pg. 115.....	55
106 VÁ ENTRANDO pg. 121	57
107 COMO O VITRÍOLO pg. 123	58
108 LABORATÓRIO pg. 131.....	62
109 ENTRE COMANDANTES pg. 137	64
110 DE COMO SE PRENDE UM MÉDICO pg. 145.....	67
111 UM CEGUINHO E UMA BONECA pg. 152	70
112 O JOSÉ pg. 164.....	75
113 PASSOU PELA VIDA E NÃO VIVEU pg. 168.....	77
114 UMA TRAGÉDIA pg. 171	78

115 ADVOGADO À MUQUE pg. 180	81
116 ESPERTALHÃO pg. 183	83
117 SERRANO VELHO pg. 187	84
118 UM GUIA pg. 190	86
119 AMIGO DESCONHECIDO pg. 193	87

Não seria possível a não ser por inexplicável sentimento de injustiça e de imensa ingratidão, que deixasse, nestas toreas páginas íntimas, em que recordo, saudoso e sozinho, ocorrências de três decênios de clínica, de dedicar algumas palavras ao meu prezado anel de médico.

Ele tem, profundamente ligado ao seu dono, a sua história, como permanente e muda testemunha de toda a minha atividade clínica, por isso que, sempre e sempre, trouxe-o comigo, e quantas vezes, como hoje, com amor e carinho, fito-o, em doce enlevo e misteriosa palestra.

Consagro-lhe, confesso com sinceridade excepcional aflicção.

Tenho, para mim, que o verde de sua esmeralda acalenta as minhas esperanças e maciça os meus pesares; que os seus doze pequenos brilhantes são a minha coroa de alegria ou de tristeza, de vitória ou de derrota, e que o seu aro de ouro encerra, em sua amálgama, toda a seriedade e honradez com que exercia a profissão.

Anel e eu somos bons amigos e confidentes: ele enfrentará, impassível em sua matéria, a longevidade do tempo; eu, pobre mortal, terei que entregar, mais ou menos dias, o corpo à terra – “momento homo” – e a alma a Deus, e, por essa ocasião, desejo e quero que esse meu circunspecto companheiro de tantos anos seja imediatamente entregue ao meu querido filho Ruy, que bem o merece, não só por ser o meu melhor amigo, como também por ser um cidadão digno em melhor filho. Esteja, pois, tranquilo, meu anel; tenho absoluta certeza de que continuarás, em boa companhia, a ser amado, acariciado e, principalmente, venerado, por me haveres pertencido.

– Adquiri-o, em 21 de Dezembro de 1905 por 1:200 \$000, na joalheria de Pedro Leão Flº, sita, naquele tempo à rua dos Andradas em Porto Alegre.

– No dia de colação de grau, 24 do mesmo mês e ano, serviu para todos os doutorandos: Heitor Annes Dias, Balthazar Patrício de Bem, Pedro Alexandrino de Borba, Júlio Mariath e eu, por ser então o amigo que possuía o distintivo simbólico.

– Usei-o sempre no dedo anelar da mão direita.

– Perdi-o três vezes: a primeira, em 1908, na Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre, onde deixei-o por esquecimento à cabeceira de um doente pobre e desconhecido, que, dois dias depois me entregou, em gesto de muita honestidade; a segunda, em 1911, ficou, por m’advertência, em uma mesa de pocker, e meu tio Eduardo Manoel Araújo restitui-m’o na outra noite, e a terceira foi um caso interessante, em vários aspectos, - que, passo, com por menores, a relatar. Em 22 de Junho de 1920, fui à Nonohai atender uma conferência com o Dr. Carlos Meyer. O frio era intenso, e ao deitar-me à noite, depois de longas passadas ao pé do fogo, em colchão de palha, recentemente cheio, por bondade do hotelheiro Picoli, senti algo que se movia em seu interior, e, após pesquisa, verifiquei que era um enorme ratão ali metido, no paiol, sem ser notado. Matei-o, e disse ao meu companheiro de quarto que, apesar de não ser supersticioso, ia ser vítima de um prejuízo. No dia 24 regressei a Passo Fundo, e no trajeto percorrido, cerca de 26 léguas, perdi o anel, não sei como e não sei aonde. À 25, ia fazer regressar o automóvel à sua procura, mas o mau tempo não o permitiu, pois choveu torrencialmente perto de 15 dias. Telegrafei ao Cel. Messias Berthier, ao Octávio Paraguaçu e outros residentes naquele povoado, avisando-os da perda, pois poderia algum desconhecido achá-lo. Confirmou-se ai o palpite do prejuízo. Em casa, conversando, lembrei que minha irmã Izaura, casada com o Dr. Dionyssio Cabeda Silveira, muito religiosa, me aconselhou certa vez, e disse tivera uma prova positiva na perda de uma joia de valor, que, quando perdesse algum objeto de valor, invocasse, com fé, a Santo Antônio, que eu o acharia, o que fiz, e essa invocação deu resultado positivo, como se vai ver. O Sr. Oscar Kerchner, viajando à cavalo, pela serra da Rondinha, picada de três léguas de mato, em cuja saída estava construindo um prédio, depois da chuvarada encontrou, por acaso, no lodo, uma ferradura. Como há, no sertão, de que aquela traz felicidade aos lares, e, por isso, se a vê comumente fixada à porta das casas, de preferência nas soleiras, apeiou-se pra pegá-la e, que espanto, ao seu lado, semi-enterrado, estava um anel que, mais tarde, soube ser meu, e no dia 25 m’o entregou. Quis recompensá-lo com quinhentos mil reis, o que não aceitou. Verificaram –se por

tanto, três originalidades: o prejuízo do ratão, a felicidade da ferradura e a invocação de Santo Antônio o que mais me impressionou.

– Não uso joias, a não ser essa, com que ando sempre; tem-me acompanhado por toda a parte, em clínica, em festas, em eleições, em combates, no exílio, etc. chego, às vezes, a acordar-me, à noite, para verificar se ele está sobre a mesa de luz, isso quando não durmo com ele no dedo, o que é frequente. Tenho o costume de passar o polegar direito, na face palmar do dedo, para senti-lo.

– Tratei uma doente histérica, por meio de hipnotismo, que dormia mal lhe dava a achar a esmeralda que, pouco a pouco, ia lhe aproximando dos olhos. Nesse mesmo mister, a tenho usado muitas outras vezes.

– Costumo, quando em campanha, andar de lenço de seda ao pescoço, cuja as pontas passo pelo seu interior, levando-o bem para cima.

– Dele perdi dois brilhantes: um em 1919, e outro neste 1935, e que foram, desde logo, substituídos.

– Certa vez, viajando de trem, de Santa Maria à Passo Fundo, vinha um belga, negociante de pedras preciosas, e, depois de, com atenção, examinar o anel, disse-me ter a certeza de que a esmeralda era proveniente da Columbia, oferecendo-me, só por ela 2:000\$000, proposta que rejeitei.

– Quando da minha estadia, na República Argentina, em 1933 - 1934, causava certa admiração o uso desse anel, e me perguntavam rindo, principalmente as mulheres na sua eterna curiosidade, porque andava com esse “anillo de mujer”, e eu lhes explicava a origem do símbolo: esmeralda, de médico; topázio, de farmacêutico; rubi, de advogado; safira, de engenheiro civil; turquesa de engenheiro militar; opala, de bacharel em letras; ametista, de padre, etc, o que acharam “muy original y gracioso”. Lá, como na Europa, esse hábito é inteiramente desconhecido.

– É essa a história simples do meu anel de médico.

– Rendo-te nestas linhas o preito sincero de minha admiração e amizade.

Rio de Janeiro, 7 de Agosto de 1935.

Entre os anos de 1910 e 1917, havia uma determinada “rodinha” de amigos, frequentadores assíduos, à noite, do Clube Pinheiro Machado, onde se dedicavam ao jogo de xadrez. Lembro-lhes os nomes: Eduardo Manuel de Araújo, Gervazio Lucas Annes, Cândido Marques da Rocha, Joaquim Pedro Daudt, Pedro Lopes de Oliveira, Gabriel Bastos, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, e eu. Os quatro primeiros já são falecidos, só mesmo por motivo de força maior, deixávamos de comparecer, depois, a morte de alguns e a divergência política de outros nos separaram do agradável convívio.

Certa vez, palestrando com o Coronel Gervazio, narrei-lhe que apesar do intenso frio da noite anterior, temperatura abaixo de 0, tinha me visto no dever de sair, “noblesse oblige” pela madrugada, para medicar a uma criança.

O velho político comentou esse inconveniente da profissão ao que lhe fiz ver a compensação da volta, com a cama bem quentinha...

Nesse momento, entrou, no Clube, um cidadão, notável por ser o maior mentiroso que conheço, verdadeiro emulo do Barão de Munchausen, que ouviu o final da nossa conversa e, sem ser chamado, externou, deste modo a sua opinião:

– No inverno, nunca me deito antes que a mulher; ela aquece bem a cama primeiro, e depois vou eu, e como custo muito a aquecer os pés ponho-lhe os dois na barriga, até ficarem bem quentes.

Achamos graça do seu estúpido expediente.

– Que número tu calças? Perguntei.

– 42, respondeu.

Soltei uma boa gargalhada; estava mentindo; não era possível; sua esposa era, e é, franzina, raquítica, de ventre quase de menina... se tal fizesse, asseguro que a metade dos pés ficariam de fora... que triste destino o dessa magra criatura!

Aguentar os pés gelados, e certamente não muito limpos, do seu “delicado” marido!

Quando a pobrezinha tiver, às portas do céu, humilde e chorosa, a prestar contas dos seus atos aqui na terra, benefícios e sacrifícios, o primeiro a relatar será necessariamente esse...

Rio de Janeiro, 7 de Agosto de 1935.

083 NÃO QUERIA CASAR pg. 12

O destino já se traz do berço, e, por mais que se o queira torcer ou desviar, segue impávido o seu caminho, e as influências da hereditariedade são de valor preponderante: filho de peixe sabe nadar, ou filho de tigre sai pintado, sentenciam os velhos brocados populares.

É o caso de Laura, filha mais moça de uma mulata que, sem sua mocidade, entregara-se à prostituição.

Era, no gênero, de uma beleza impressionante; sua mãe, por justificado temor íntimo, afastara-a de si desde pequenina, entregando-a aos cuidados de honrada família que se esforçara por lhe dar uma regular educação, mas a travessa mulatinha, sempre endiabrada, tinha, no cérebro, a gritar-lhe, em reclamação permanente, a voz do sangue, que dia a dia, se vinha alvorotando até que, aos 18 anos, foi raptada por um soldado da polícia, de nome Propicio.

Estalou o escândalo, e ambos foram presos.

Propicio não negava o defloramento e Laura o confirmava. Aquele queria reparar o mau com o casamento, ao que esta, de modo peremptório, se opunha.

– Eu consinto, dizia ela ao delegado, que me examine, fui deflorada ontem; não nego, mas eu não me caso; digo e repito isso para o senhor, para o juiz e para o padre: não me caso porque não quero; não há quem me obrigue a isso... quero ser puta...

Não houve o que a convencesse, e explicava, à todas as ponderações que, casada, iria servir de criada ao marido, lavar-lhe a roupa e cozinhar, uma escrava enfim,

ao passo que amigada com o seu homem, no dia em que ele procedesse mau, meteria-lhe os pés, caindo na farra.

E, agora, diante da sua imensa teimosia, tantas vezes repetida, como obrigá-la? Não foi possível.

O defloramento recente foi, por mim, constatado.

Viveu com o seu primeiro amante alguns meses, largou-o em menos de ano, recolhendo-se para uma baixa pensão de meretrizes, onde entregou-se, de corpo e alma, ao seu grande “ideal” na satisfação do seu insaciável instinto.

Bebia e era desordeira; os registros policiais marcaram, diversas vezes, a sua presença.

Não foi, porém, muito longe. Vi-a, a última vez, num mísero leito de hospital: estava tuberculosa, e a terrível peste branca agrediu, de modo violento e agudo, aquele depauperado e gasto organismo, já minado pelo álcool e corroído pela sífilis, levando-o, dentro em pouco ao túmulo. O Rabi, de Nazareth, perdeu à Madalena, por que foi uma sincera arrependida... não sei se Laura, alguma vez, se arrependeu... creio que não... mas o meigo filho de Maria, o sublime Jesus, se é infinito em sua sabedoria, não o é menos em sua misericórdia.

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1935.

084 A MORTE DE JOVINO pg. 15

Jovino da Silva Freitas, natural da Vila de Júlio de Castilhos, veio, para Passo Fundo, 1907. Muito pobre, casado, com quatro ou cinco filhos, abriu um pequeno café com um bilhar. Nomeado, em seguida, sub-intendente do 1º Distrito, com o ordenado de 150\$000 por mês, demonstrou logo a sua atividade política, no agitado pleito de 1909, em que foram candidatos, à coronel municipal, os coronéis Gervazio Lucas Annes e José Luccas Dias, vencendo o primeiro por grande maioria. Muito inteligente e vivo, Jovino foi subindo, pouco a pouco, mas em passo seguro. Fez alguns negócios de terrenos e casas, na cidade, e depois,

lotes coloniais, nos quais ganhou boa soma, e, daí por diante, rápida foi a sua ascensão, sempre estribada em sua honestidade.

Levantou engenhos de serrar madeiras, na cidade e nos distritos; montou olarias; organizou a Companhia Telefônica; abriu a importante casa comercial A Revolucionária; negociou com terras; foi o maior construtor da cidade; dirigiu empresas diversas; foi um dos mais destacados fundadores do Esporte Clube União; construiu sólida casa de moradia à praça Marechal Floriano, onde erigiu frequentado quiosque, etc, etc. Dispendeu grandes esforços na construção do edifício do Clube Pinheiro Machado.

Por insistente pedido do Coronel Gervazio, aceitou, em 1915, o cargo de delegado de polícia, vendo-se aí, em vazão do cargo, e com Nessir Mathias, envolvido, no momento de uma prisão, em um crime de morte, de que foram impronunciados. Em 1917, exonerou-se, para dar maior expansão aos seus múltiplos negócios, que justificam a sua fortuna.

Acompanhou-me na luta política contra o intendente Pedro Lopes de Oliveira, cuja vitória, infelizmente, não chegou a festejar. Desse prédio memorável, pode-se afirmar, que foi seu iniciador e maior propugnador.

Adoeceu de gripe epidêmica, em 1918. Levado pelo terror popular, em face de alarmantes notícias do Rio, tomou, como preventivo, dez comprimidos de aspirina Bayer, em um dia, isto é: de dois em dois horas, um.

Teve uma pneumonia com múltiplos focos congestivos.

Os pulmões eram seu fraco, a menor resistência do seu organismo, e esclareço, a bem da verdade, um fato: em 1908, examinando-o para um seguro de vida, não o aconselhei à Companhia, por isso que ele apresentava os ápices dos pulmões mais que suspeitos, e o seu seguro foi rejeitado. Daí, tratou-se convenientemente, de magro passou a gordo, e sempre, com disfarçada mágoa e com pequena ponta de ironia, referia-se à sua tuberculose.

Pela quantidade de aspirina, os seus rins funcionavam mal.

Fui imediatamente chamado de Porto Alegre, donde vim em trem especial, à minha disposição, por sua ordem. Além de íntimos amigos, eu era o seu médico de confiança.

Encontrei-o muito mal, e consegui, com o Dr. Ivo Barbedo, regularizar a diurese, melhorar a situação do pulmão atacado, tanto que a temperatura baixou, diminuiu a dispneia, etc. Estávamos satisfeitos, quando uma manhã verificamos uma nova “pousseé” aguda, com iguais lesões no outro pulmão. Não resistiu e, pela madrugada de 19 deixou de existir.

Jovino tinha um grande medo de morrer, e o seu intenso delírio era sempre com sentido.

Suas últimas palavras foram “o general manda e o soldado obedece”. A gripe espanhola nunca poupou aos fracos de pulmão.

O seu enterro foi uma consagração, falando, no cemitério, o ilustre conterrâneo Francisco Antonino Xavier e Oliveira. No 30º dia de seu falecimento, houve concorrida romaria ao seu túmulo.

Em homenagem à sua memória e pelos serviços prestados à minha terra, denominei, quando intendente em 1920, a rua que sai do Rio Passo Fundo e vai à praça do Colégio Elementar: Avenida Capitão Jovino.

Paz à sua alma.

Rio de Janeiro, 8 de Agosto de 1935.

085 VÍTIMA INOCENTE pg. 20

Passo a registrar, nestas notas, o mais bárbaro assassínio, de que em minha terra, boa e dadivosa, tenho conhecimento.

O Dr. Benedicto Frydberg, médico, judeu russo, veio clinicar, em Passo Fundo, creio que em 1924 ou 1925.

Era casado com uma francesinha, também formada em medicina, em Montepellieu, como ele.

Tinham um só filho.

Ela não se dedicava à profissão.

O Dr. Benedicto tem apreciáveis qualidades: sólido preparo, muito trabalhador e dedicado aos seus doentes.

Operou, certa vez, com êxito de hernia umbelical, a uma senhora, de cerca de 50 anos, da conhecida família Kurtz Barbosa. Decorridos alguns meses, foi novamente atendê-la, diagnosticando então: úlcera cancerosa do estômago. Chamado em conferência, observei uma atmosfera de desconfiança e, mesmo de hostilidade, aquele colega, por isso acreditavam ser atual enfermidade uma consequência da intervenção cirúrgica. Expendi minha opinião contrária ao pensamento da família, que não se conformou.

Agravando-se o mal, romperam ostensivamente com o Dr. Frydberg, e chamaram o Dr. Casteletti, médico italiano, o qual, várias vezes, deixara perceber, com maldade, o erro daquele, tão somente para insinuar-se no conceito daquela gente, atrasada e supersticiosa, procurou, em seguida, a uma sessão de baixo espiritismo, manejado por pessoas verdadeiramente incultas e mais que isso, pérfidas, onde lhe afirmaram ter sido a primeira operação mal-feita e que o atual estado era uma resultante daquela. Arreventou o ódio, que lavrou-se entre todos os parentes.

Nessa ocasião fui informado de uma reunião de toda a família, que, em caso de morte, jurou vingança. Avisei ao colega, disse já sabedor também, por outra fonte.

No dia do falecimento, pela manhã, mal a senhora exalara o último suspiro, Samorin, um seu filho, armou-se de revólver e saiu, afirmando, na frente do cadáver e presença de muitas pessoas; que ia matar ou o Frydberg, ou à sua esposa ou ao seu filho, tanto isso é uma verdade que a senhora de Oscar Cezar, vizinha que tudo presenciara, saiu correndo avisar ao marido, que ainda dormia, do fato e pedir-lhe evitar o crime. Calmamente bateu à porta da casa do facultativo, sendo atendido por uma criada. Ciente da ausência daquele, pediu para falar com sua

esposa. Esta, ao aproximar-se, foi alvejada, de inopino [repentinamente], caindo, no meio do corredor, em uma poça de sangue.

O delegado de polícia Gervazio Araújo Annes, que se encontrava nas proximidades, ouvindo o tiro, correu ao local, prendendo em flagrante o criminoso. O ferimento fora tremendo, atingindo a um dos rins, e a vítima inocente veio a morrer em Porto Alegre, mais ou menos um mês depois, e para onde fora conduzida à procura de melhores recursos. Indo visitar o colega, assisti com pesar imenso, ao cruel desfecho.

Samorin era, na cadeia municipal, uma fera, contra tudo e contra todos, tanto que o carcereiro Manoel Mathias Nesio por ordem do intendente Armando Annes, teve que metê-lo, por vezes, no “boi preto”, escuro e pequeno cubículo destinado aos revoltados e maus.

Requeru o seu advogado exame de sanidade mental, visto como criminoso, há meses, sofrera uma violenta pancada na cabeça, em desastre de automóvel, ficando ligeiramente hemiplégico. O laudo do especialista o considerou “irresponsável, mas digno de piedade”. Discuto as duas coisas: não é um irresponsável, e os fatos posteriores de sua vida, inteiramente normal, o confirmam em absoluto, e “digno de piedade” é uma expressão inútil, e não solicitada, porque assim devem ser, e são, todos os irresponsáveis.

O estúpido assassino foi condenado a oito anos de reclusão. Teve irrepreensível procedimento na cadeia da Capital do Estado e, por isso, conseguiu o livramento condicional.

Esta em Passo Fundo, com saúde normal e vida também normal. Quando no cárcere dessa cidade, em andamento do processo, declarou, na presença de diversas testemunhas, que dali sairia um dia e o seu ódio precisava de mais sangue; mataria de três, um: ou o intendente, por mandá-lo meter no “boi preto”, ou o delegado por prendê-lo em flagrante ou a mim por me ter inteiramente solidarizado com o Dr. Benedicto, e por não haver, como correligionário, dispensado o apoio, que esperava.

Duas suas irmãs sabedoras dessa versão procuraram-me para dizer não ser a mesma verdadeira e que eu não me deveria receiar do Samorin a chegar naqueles dias. Respondi-lhe que: não me preocupava com ele, costumava não temer carrancas quanto mais caretas; era bem homem e prevenissem ao seu mano que, em natural legítima defesa, meter-lhe-ia uma bala nos miolos, caso tentasse contra minha vida.

Temos nos encontrado, depois disso, muitas vezes, e, como sempre, cão, que muito late, não morde.

O crime, maduramente premeditado, foi de uma brutalidade revoltante; o júri, sempre benigno, esquecendo a vítima na presença chorosa ou humilde do réu, o foi mais uma vez.

Lá vive ainda aquele “digno de piedade” para quem, em parte, a justiça da terra falhou, mas para quem a de Deus, no todo, poderá tardar, porém nunca falhar.

Aqui se faz e aqui se começa a pagar... aguardemos o desenrolar, frio e inevitável, do tempo.

Pobre senhora indefesa, que culpa tinhas tu?

Mesmo que seu marido tivesse errado, o que não se deu, poderia ser responsabilizada?

Não, e não.

Foste uma vítima inocente da sanha de um malvado, que me custa acreditar tratar-se de um ser humano.

Pelo que sofreste, senhora, deves estar no céu.

Rio de Janeiro, 9 de Agosto de 1935.

086 AOS PACOTES pg. 27

Antonio Jose da Silva Loureiro, um dos mais antigos moradores de Passo Fundo, natural de Portugal, d’onde viera mocinho, era casado com uma irmã de minha

avó, por nome Felippina, senhora de grandes virtudes e de excepcionais dotes morais. Foram felizes, em toda a verdadeira acepção do vocábulo, completando assim, com gerais regozijos, em memorável festa, a suas bodas de ouro, entre dozes filhos, genros, noras, sobrinhos, netos e bisnetos. Havia, no casal, um só contraste: ela, muito alta, e ele, de estatura bastante pequena. Trabalhador honrado e tenaz, avolumou fortuna superior.

Identificado com a nova Pátria não escapou dos tentáculos da política. Ardoroso adepto de Gaspar da Silveira Martins, manteve luta titânica com Gervazio Lucas Annes, chefe político de Julio de Castilhos, e, como vai quase sempre acontecer, degenerou em inimizade pessoal, que entre eles, atingiu a sérias proporções. Na revolução de 1893, a sua casa comercial foi arrombada pelas forças legalistas do Te. Cel. Pedro Lopes de Oliveira, por alcunha o Lolico, que, em pessoa, determinou e assistiu ao saque.

O “Barãozinho”, esse o seu apelido, era sadio de moral e de físico: nunca estivera doente.

Em 1910, porém, uma gripe, de forma grave, levou-o, quase um mês, à cama, e fui chamado para tratá-lo.

Minha tia, meiga e carinhosa, conhecedora das impertinências do marido, agravadas pela enfermidade, pediu-me, com empenho, a maior benevolência, escusando-o antecipadamente. Prometi atendê-la com a maior paciência, o que cumpri: quando entrava no quarto, contendo-se, ele pouco falava, por isso que me tinha um certo respeito e acatamento, mas arreliaava depois com todos pelas minhas determinações, que se negava a seguir.

Era uma luta, e uma tarde declarou que não tomaria mais nenhum remédio, e não houve meio de convencê-lo. Como seu estado inspirasse cuidados, vim às pressas, e, de tudo ciente, carrancudo, sereno e enérgico, mandei: -- Tia Felippina, faça-me a gentileza de trazer um copo d’água e as cápsulas. Seus olhos flamejaram de raiva...

– Tome, tio Antonio, e levei-lhe a cápsula à boca, que abriu o mais que pode, e engoliu-a, fazendo caretas, mas sem protestar.

Julgando-me desatento, chamou a sua esposa, a quem, de comum, tratava de “a menina”, e disse-lhe baixinho, ao ouvido: -- Menina, esse sujeitinho já me dá remédios aos pacotes.

Referia-se às cápsulas...

Sorri, acariciando-o. Ficou bom. Sempre fomos bons amigos. Mais tarde, quando eu ausente, faleceu de arteriosclerose.

Em agonia, nos seus derradeiros instantes, chamou ao leito seu filho Pupe. – Onde está o Vergueirinho? Indagou.

-- Em Porto Alegre.

E momentos depois:

-- Como vai de questão com Lolico?

-- Muito bem.

Cerrou os olhos durante alguns minutos, e, no estertor final, balbuciou estas palavras:

-- Diga ao Vergueirinho que não afrouxe... e morreu.

Bem-vindas sejam ao seio bem aventurado do Senhor essas duas boas almas: tia Felippina e tio Antonio.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1935.

087 CHÁ DE RATO pg. 31

Certa manhã, fria e chuvosa, de junho de 1921, ao entrar na Farmácia Serrana, de Ivo José Ferreira para que este me fizesse uma injeção endo-venosa de 914, encontrei, em agradável “tête-a-tête”, ao lado de uma estufa acesa, chimarreando, em cuia de boca larga, bem gaúcha, os meus amigos Affonso Ferreira e Lauro Xavier de Castro. Este, o Coronel Lauro, como é geralmente conhecido, descendente de antiga e digna família, depois de haver, em negócios de gado,

conseguido fortuna bem regular, perdeu-a, e em pouco tempo, no jogo, e, de declínio em declínio, está hoje na mais completa miséria.

Affonso, solteirão incorrigível, é um tipo de boêmio, e aninha um ótimo coração.

Ofereceram-me um mate, que não aceitei por motivo de receio de vomitar. Continuaram, por mais de hora, trocando cuia, e, de vez em quando, virando a erva, e remexendo-a com a bomba, para ficar mais forte, como é de costume gaúcho.

Depois da injeção, voltando ao laboratório, insistiram no oferecimento, com o que concordei com a condição de mudarem a erva, porque os seus pauzinhos estavam “nadando”, e o mate muito lavado.

O coronel, neste momento, observou ao seu companheiro, que lhe parecia ter no porongo um pouco de algodão, que segurei com uma pinça tirando-o, a fim de verificar: era um ratinho pelado, inchado e esbranquiçado de tanta água quente: chá de rato.

Estava, por certo, no cesto de erva, onde depois constatamos uma ninhada de camondongos, e meteram-no, na cuia, sem ver.

Affonso, de tanto vomitar, chegou a adoecer, e abarcou o “amargo” por muito tempo, mas Lauro não sentiu o mesmo abalo.

Registro aqui, por último, que esse “Coronel” não tem o menor preparo, mas possui natural inteligência e viva perspicácia, e sua palestra, bem gauchesca, é interessante, por isso que uso de termos originais e arrevesados, e faz magníficas e exitosas comparações.

O seu atual estado de pobreza me causa lástima e piedade...

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1935.

088 MEU TINTEIRO pg. 34

Logo depois que deixei de ser interno da histórica Escola Brasileira, de que eram diretores os ilustres professores Ignacio Montanha e André Leão Puente, fui, em Abril de 1898, residir na casa do Sr. Domingos da Costa Ferreira, à rua

Riachuelo. Aí, nos primeiros dias daquele mês, adquiri, na Livraria de Echenique Irmãos, um pequeno tinteiro, que é o mesmo e único, que me serve até hoje.

É todo de vidro, arredondado, de três centímetros de altura e com tampa metálica.

Com ele, terminei o meu curso de preparatórios no Colégio de Emilio Mayer, e seis anos de medicina, e com ele, escrevi tese, estudos, cartas, discursos, conferências, literatices, atestados, receitas e tudo o mais. Eu o estimo muito, por isso que, meu confidente, o possuo há 37 anos: para um insignificante e humilde tinteiro de vidro, de vida, quase sempre, tão efêmera, já é idade proveita. Está sempre em uso, na minha mesa de trabalho, e, quando miro-o, turbilhona-me, no cérebro; um mundo de recordações, algumas boas e alegres, outras más e tristes, mas dessa maldade inofensiva de quem tem cruzado a existência sem nada, de má fé ou de verdadeiramente ruim, acessar-lhe a consciência, o grande olho eternamente aberto dentro de cada um, aplaudindo ou pateando os seus atos.

Ferreira, Puente e Montanha, já são falecidos, e o meu velho tinteiro ainda se conserva intacto, repositório de tantas saudades, cofre de tantos segredos.

Vovô tinteiro, em sinal de respeito tiro-te o meu chapéu.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1935.

089 POR ONDE SAIU? Pg. 36

Compadre e comadre moravam, na Vila Rodrigues, em uma casa de tábuas.

Ele, bodegueiro, gordo, baixo e suarento; ela, professora municipal, alta, magra e limpinha.

Viviam como cão e gato, em permanentes discussões e brigas.

A mulherzinha era atrevida a valer e não tinha papas na língua, e o marido, pacatão, tipo de “boi manso” ia, com paciência de Jó, aguentando aquela ferinha.

Em 1919, fui chamado para atendê-la, de um parto. À aproximação do meu auto, percebi, à frente do prédio, alguns garotos, rindo-se às bandeiras despregadas. Ao penetrar, compreendi o motivo daquelas expansões de alegria, pois a comadre,

no instante em que apertavam as cólicas uterinas, botava a boca ao mundo, tendo expressões capazes de fazer corar, estremecer e rir até um frade de pedra. Quando o feto está bem engajado, principalmente de cabeça, esta comprime fortemente o grosso intestino, e daí decorre a sensação de imperiosa necessidade de evacuar, e a professora, nesse estado, perdendo a compostura, berrava, com desespero: “quero cagar, acudam, meu filho vai sair pelo cú” e quejandas brutalidades, que motivavam, lá fora, a troça e o gozo da meninada.

À muito custo, pois parecia louca, contive-a, fazendo-lhe sentir a sua brutalidade, inconveniência e escândalo. O parto foi normal.

Ao tomar, de regresso, o carro, um dos meninos, o mais afoito e o mais curioso, chegou à mim, seguido talvez de mais de dez companheiros, e, de chapéu à mão, atirou-me, de súbito, esta pergunta:

--Dr., por onde saiu o filho?

Não tive tempo de repreendê-lo, reboou uma estrepitosa gargalhada... o vendeiro, que me viera, agradecido, acompanhar à porta, avançou, indignado, sobre eles, que dispersaram em doida disparada... e o automóvel partiu, buzinando e levantando pó... enquanto o pai do novo bebê esbravejava, praguejando, dando escapula, como em válvula de segurança, ao gás do seu sempre contido e reprimido ódio.

Pobre compadre!...

Rio de Janeiro, 11 de Agosto de 1935.

090 CONSULTA DE JUDEU pg. 38

No Rio Grande do Sul, como em toda parte, os judeus vão, dia a dia, e pouco a pouco, tomando conta dos negócios, e minha cidade natal não poderia escapar dessa regra geral, tanto mais quanto, em Erechim, nas proximidades da estação Erebangó, a poderosa Yenrich possui a enorme fazenda, denominada “Quatro Irmãos”, que procura colonizá-la com o braço israelita. O judeu, porém, que nunca foi agricultor, abandona logo aquela propriedade, saindo, pelos municípios

vizinhos, principalmente em Passo Fundo, onde sua ação se pode desenvolver melhor, a estabelecer os conhecidos Bric-a-brac, ou pequenas casas de negócio. Vendedores ambulantes em prestações, percorrem as ruas em todas as direções. Naquela cidade, já são em grande número: Schusky, Sirotski, Birmann, Milmann, Kamergossodsky, Kopeluchnik são os principais.

São trabalhadores, e excessivamente econômicos, base do seu progresso, e consequente fortuna.

Contam já com sociedade própria, com cemitério especial e muitíssimos são os seus estabelecimentos comerciais; os mais importantes estão em seu poder.

Da colônia judaica, ali domiciliada, só tenho recebido provas de consideração, de respeito e de amizade.

Como clientes, não são maus, e têm o hábito invariável de pagarem, à vista, as visitas e as consultas, mas revelam-se, de comum, muito cautos.

Consultam, por exemplo, e isso tem acontecido comigo, sobre uma lesão de garganta. Examinada e receitada, pagam, mas reclamam “o Dr. não me examinou o pulmão” e coisas semelhantes.

São, em geral, honestos, mas há que deles se cuidar, pois, podendo passar um logro, o fazem.

Tratava um desses clientes que, a cada visita, entregava os vinte mil reis, em moedinhas de um; pois bem, vim a verificar que, entre elas, sempre haviam duas ou três falsas. Um outro pagava também pontualmente, pondo o dinheiro dentro do meu chapéu: sempre uma nota de 20\$000; na última visita, dando alta ao doente, colocou apenas uma de 10\$000.

Um terceiro consultou-me sobre uma enfermidade de fígado. Por escrito, a seu pedido, dei-lhe minuciosamente a relação do que podia, ou não podia, comer. Esperava-me na rua, quase todos os dias, hora perguntando uma coisa, hora outra, o que, por sua insistência, já me ia aborrecendo. À última, pois não mais me procurou, inquiriu se podia comer carne de ovelha.

-- Escute, meu amigo, você pode comer carne até de bode, mas não se esqueça de fazer sopa do cavanhaque, que é muito suculenta, e, de noite, quando tiver insônia, chupe meia hora em cada chifre... e não me apareça mais.

Quando não pagam, por esquecimento do dinheiro como dizem, a última consulta, já sei que não voltam mais, procurando outro médico.

Eles é que julgam da necessidade, maior ou menor, do número de visitas, por pior que seja o estado do doente; ao contrário de nós, brasileiros, não querem que o facultativo venha diariamente, e só quando é chamado. Tive, entre eles, um caso grave de febre tifóide, que deixei de tratar por não querer, pela minha formação mental, me submeter a esse processo. Possuo, em meu escritório e guardo-o com carinho, um lindo relógio de mesa, que me foi oferecido pelos judeus de Passo Fundo, em 1924, quando por terminação de mandato, deixei, o que lhe empresta maior valor de estima, o cargo de intendente, com a seguinte interessante dedicatória, em placa de prata: “Ao ilustre Dr. Vergueiro, alvitre da Colônia Israelita. 15-11-1924”.

O meu amigo Dr. Francisco de Paula Lacerda de Almeida Júnior – o Lacerdinha, ilustre advogado que ali residiu, foi quem mais graça achou do... alvitre.

Rio de Janeiro, 11 de Agosto de 1935.

091 RAZÃO PARA TRÊS pg. 43

O Coronel Gervazio Lucas Annes faleceu, em Abril de 1917, com cerca de 62 anos. Na região serrana, foi um dos homens mais discutidos de seu tempo: elogiado por uns com vibração, atacado por outros com veemência, e o fato explica-se facilmente pela sua atuação política ativa, desde o regime imperial.

Propagandista da República, deputado Constituinte do Estado em 1891, chefe do Partido Republicano local, intendente representante à Assembléia Orçamentária em várias legislaturas, diretor do semanário O Gaúcho, fez toda a Revolução de 1893, sendo gravemente ferido no combate do Umbú.

Enfrentou, na paz e na guerra, ao chefe federalista General Prestes Guimarães. Dedicava-se à profissão de advogado.

Estudioso, lia, muito, obras de Direito, e nesse sentido, sustentou, com vitória completa perante o superior tribunal, debatida a questão, com notável causídico de Porto Alegre.

Era um apaixonado da Revolução Francesa. Gostava imenso de Guerra Junqueiro e, que antítese, de Paulo de Kock. Nascido de família paupérrima, fez fortuna superior a 2000 contos.

Não era dotado de grande cultura, mas era possuidor de uma formosa inteligência.

Não era um sonhador, era um prático da vida.

Como político, forte e valoroso, rompeu com Julio de Castilhos em 1901, só voltando às fileiras do partido depois de sua morte, em 1903, a pedido de Borges de Medeiros.

Era hábil e vivo, calmo e maneiroso, prudente e conciliador, sabendo tirar, de todas as situações, conveniente proveito a bem de sua agremiação partidária.

De um espírito agudo e fascinante, iminentemente observador, adaptado ao meio em que viveu, de atitudes sóbrias e enérgicas, conhecedor profundo dos homens de sua época, sabendo calar hoje para falar amanhã, contornar obstáculos para vencer mais facilmente, fechar os olhos para melhor ver depois, tinha, no fundo uma grande filosofia prática. Sua opinião, sobre qualquer assunto, era sempre sensata e cheia de ensinamentos, ao lado de análises surpreendentes.

Os seus adversários respeitavam-no, os seus amigos estimavam-no, mas os caboclos o adoravam, talvez porque “qui n’écoute qu’une cloche, n’écoute qu’un son”.

Casado, em primeiras núpcias, com uma minha tia e em segundas, com uma prima fomos, por essa afinidade, íntimos amigos. Para mim, só tinha um defeito: a sua intervenção ostensiva, apoiada em seu prestígio, na esfera do judiciário. Para comprovar minha asserção citarei, a pinceladas largas, um caso ocorrido em

plena audiência do juízo distrital: Gervazio protegia a um determinado criminoso, seu correligionário e constituinte; feitos o corpo de delito e demais investigações policiais foram os autos remetidos ao promotor público Carlos Silveira Martins Leão, que recebera, na véspera formal pedido para não apresentar a denúncia. Aquele funcionário escreveu-a então com tinta bem pesada, e, para mostrar aos seus companheiros de fórum uma certa independência, exibiu-a ao velho chefe que, surpreso pela desobediência, rasgou-a em pedacinhos, gritando-lhe que quantas fossem escritas quantas teriam o mesmo destino. Silveira Martins Leão passou de Leão à Sendeiro, e não repetiu a experiência.

Fui, por vezes, seu médico assistente, e, na enfermidade que o levou ao túmulo, estava ausente em Porto Alegre, em tratamento no Instituto Pasteur, por ter sido, assim como meus filhos Ruy e Maria, mordidos por cão hidrófobo. Há dele uma anedota, muito espalhada e, quase sempre, não muito bem contada. Ela já teve repercussão até na própria Câmara Federal. Eu a presenciei e, por isso, passo a relatá-la tal qual se deu.

O Coronel Gervazio convalescia de ligeira gripe, e estava, no escritório, conversando comigo e com sua esposa, quando chegou um velho companheiro de lutas, que lhe vinha consultar sobre uma questão com um vizinho, e, indignado, foi, desde logo, expondo.

-- Coronel, moro em uma zona agrícola, e o meu lindeiro tal não quer prender seus animais, que vivem estragando as, minhas roças, e eu só quero, antes de ir ao comissário, perguntar ao Sr. se tenho ou não razão: quem mora em zona agrícola é obrigado a ter sua criação fechada ou não?

O chefe respondeu afirmativamente, como de direito, dando razão ao correligionário, que saiu satisfeito, pedindo ordens e agradecido.

Não haviam ainda decorridos vinte minutos, e eis que surge o outro contendor também correligionário, e, furioso, contou ao seu modo:

-- Coronel, tenho que dar queixa ao comissário de meu vizinho qual, porque eu resido na zona pastoril e ele quer que eu feche os meus cavalos e gado, sendo ele

que tem de cercar as suas plantas, mas antes preciso saber do Sr. se a razão está comigo. A resposta não se fez esperar, também afirmativa, dando-lhe razão, de acordo com a sua informação: quem mora em zona pastoril é obrigado a acercar as plantações.

Por sua vez, despediu-se este, alegre e hipotecando solidariedade.

Deu razão aos dois, no mesmo assunto, de conformidade com a zona de residência, agrícola ou pastoril. A esposa do Coronel, que não havia bem entendido o motivo da querela, não se conteve:

-- Gervazio, não te compreendo...

-- Olha, mulher, atalhou ele, tu também tens razão: sou incompreensível...

E assim, com razão para três, terminou, entre risos, a história... e quem quiser conte outra.

Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1935.

092 CALOTEIRO pg. 50

Sai, da revolução de 1932, apesar de tudo quanto passei e sofri, de pé, de cabeça erguida, de consciência tranquila, de passo firme e de “lombo duro”.

Não guardo ódio nem rancores, apenas piedade, mas sinto natural repugnância por duas pessoas, escarros sociais. De escarros, só se pode ter nojo...

Há nomes cuja pronúncia traz a boca o gosto de pus e, por isso, nem sequer tento balbuciá-los. Escrevo-os, no entretanto, e sem receio de infecção, visto como tenho o cuidado prévio de munir-me de luvas de borracha. Armando Annes e Lauro Loureiro Lima, almas sombrias e monstruosas, capazes de todas as baixezas, de todos os horrores, capazes, como Nero, se tivessem poder e oportunidade, de mandar envolver, em estopa alcatroada, as suas vítimas, para, depois, largá-las incendiadas.

Não devo arquivar nessas páginas, que não são lugar adequado para abertura de abscessos, o procedimento infame e miserável desses dois refinados patifes, que

o povo de Passo Fundo, tão bem como eu, conhece e, em sentença inapelável, já julgou e sentenciou, no abismo da indiferença e, o que é pior, do desprezo. Aqui somente arquivo ocorrências de clínica... assim, sereno, dentro da verdade, e com 8,0 de bromureto, desinfetando seguidamente a pena em forte solução de formalina, passo ao fato da narrativa, que envolve o último deles.

Em princípios de 1932, fui, por Lauro Loureiro Lima – primeira desinfecção – chamado urgente, na hora do consultório, para atender uma sua filha. No meu auto, fomos à sua residência, onde verifiquei, na garganta de uma menina, placas suspeitas de difteria, e, imediatamente, no meu carro mandei vir o Sr. Tristão Ferreira, profissional de grande competência e diretor de moderno laboratório de análises clínicas, que, pelo microscópio, confirmou a presença dos bacilos Locffler. Fiz então 3500 unidades do respectivo soro, receitei dióxido de cálcio com adrenalina e determinei outras prescrições. À tarde, voltei, e a pequena já se apresentava menos asfíxiada. Antes de 24 horas, apliquei igual dose de soro, e no terceiro dia, dei alta, curada. Como preventivo, injetei mais três crianças da mesma casa.

Passados vinte dias mais ou menos, por ocasião de uma noite tempestuosa, o Sr. Aldo Pinto de Moraes, todo assustado, procurou-me às 9 horas, no escritório de Puppe Loureiro, onde, invariavelmente, costumo ir, pedindo-me para ir ver, à toda pressa, aquele seu cunhado – outro mergulho em formalina - e que tivera com ameaça de congestão cerebral. À pé, sob chuva torrencial, lá me fui. Estava o “rapaz” – terceira aplicação do antisséptico – de fato, muito mal. Tomei as providências que julguei necessárias e, no outro dia, o seu estado se normalizou.

Uma semana depois, sua esposa fez-me a respeito próprio e de um seu filho, demorada consulta.

Nesse interim, veio a revolução e, como delegado de polícia, cuja nomeação consegui, há tempo, procedeu comigo e com os meus do modo o mais indigno.

Pois bem, cobrei a bagatela de 300\$000 por todo aquele trabalho, cuja conta lhe enviei quando, depois de preso duas vezes, fugira para a Argentina. Não quis,

entre desaforos, satisfazer ao meu cobrador, por julgá-la excessiva: só valia, na sua opinião, 50\$000!

Até hoje não pagou, e não pagará nunca, relapso caloteiro, além do mais que, por decoro destas linhas, não quero adjetivar.

Deixo a pena, por duas horas, na esterilizante solução...

Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1935.

093 PRESENTE GREGO pg. 54

Em 1917, nos primeiros dias de Abril, o meu então amigo e vizinho Jorge Barbieux deu-me, de presente, um cachorrinho policial, de quatro meses, filho de um casal puro, por ele importado da Alemanha. Apreciara o lindo cãozinho, com ele ao colo, quando mordeu-me no dedo polegar da mão direita, o que, naturalmente, atribui a me haver estranhado.

Levado ao pátio pelo Ruy, que contava pouco mais de dez anos, aí mordeu-o na perna, o que meu filho não me referiu.

Ao jantar, minha filha Maria, de sete anos, pediu-me cortar um pedaço de carne para ela mesmo dar ao policial, e este, ao receber o alimento, meteu-lhe os dentes na mão.

Na manhã seguinte, o cão estava furioso, com todos os sintomas do grande mal, e apressei-me a mandar matá-lo. Barbieux teve comigo acalorada discussão, que, por pouco, não degenerou em sério conflito.

No primeiro trem, seguimos todos a Porto Alegre, onde, pelo Dr. Dias Campos, diretor do Instituto Pasteur, em hora especial, gentilmente concedida, nos aplicou as respectivas injeções.

Três ou quatro dias depois, apareceu por lá afobado e cada vez mais vermelho, o Barbieux, com toda a família, também mordida, trazendo, em uma lata de kerosene, perfeitamente soldada, o cadáver de uma cadelinha, irmã do meu, para

o devido exame, visto como por fiara em afirmar que não se tratava de hidrofobia, pois o casal e filhos nunca haviam saído do pátio, isolados de outros cães.

Feito o exame, constataram raiva, de forma virulenta.

Pela criada da cozinha, soube-se depois que, um mês antes, um gato desconhecido, saltando o muro, brigara violentamente com os policiais pequenos e grandes, que, já mordidos, fizeram-no em pedaços, e eis aí a origem de tudo: o gato estava louco.

Foi um verdadeiro presente grego, que, se fosse cavalo, seria de Tróia, e, além de imensas preocupações espirituais, custou-me apenas cinco contos.

Preocupações sim, e muitas.

De frequente, assaltava-me a torturante possibilidade da ineficácia do meio terapêutico, raramente, mas, às vezes, observada, e mergulhava então o espírito num mundo de profundas e tristes cogitações.

Contava os dias, as semanas, os meses, vendo-os, com oculta alegria, passar sem perigos. Quantas vezes, em íntimo sofrimento, sem nada revelar a ninguém, acordava-me para, com o coração suspenso, ouvir as suas respirações normais, e então sorria no escuro, o melro canta nas trevas, e depois, tranquilo, adormecia... amor de pai, responsabilidade de pai e de médico. Este, no seu próprio lar, olha qualquer enfermidade ou suspeita de enfermidade, por mais banal que seja, com lentes de grande aumento, e, por maiores os seus conhecimentos, acovarda-se, embrulhando o mais simples e corriqueiro raciocínio. Por esta razão preponderante, deve, quanto possível, evitar ser médico da própria família.

Alguns anos mais tarde, Ruy tornou a ser mordido, mas por um gato, que, na manhã seguinte, apareceu morto no jardim. Não se tinha certeza do mal, porém, como “in dubio pro réu” fez novamente o tratamento.

Rio de Janeiro, 13 de Agosto de 1935.

Eis a relação nominal dos médicos formados, que tiveram consultório em Passo Fundo durante os meus trinta anos de clínica:

- 1 - Dr. Geraldino Xavier,
- 2 – Dr. Bruno de Campos,
- 3 – Dr. Alcides Pereira,
- 4 – Dr. José Castelleti,
- 5 – Dr. Villa Vicenzio,
- 6 – Dr. Salucio Bornner de Moraes,
- 7 – Dr. Antonio Recco,
- 8 – Dr. Frederico De Marco,
- 9 – Dr. José Maria Gomes,
- 10 – Dr. Henrique Giordano,
- 11 – Dr. Ivo Barbedo,
- 12 – Dr. Fernando Carvalho,
- 13 – Dr. Bruno Pellegrini,
- 14 – Dr. Euclides da Cunha Lopes,
- 15 – Dr. Renato Barbosa,
- 16 – Dr. Lafayete Godinho,
- 17 – Dr. Miguel Kozma
- 18 – Dr. Luymberg,
- 19 – Dr. Manoel Rodrigues e
- 20 – Dr. Francisco Benoni.

Destes, os cinco primeiros já são falecidos; os de número 10 e 13 voltaram para a Europa.

Agora, os diplomados que ainda têm:

- 1 – Dr. Nicolau Vergueiro,
- 2 – Dr. Odilon Berendt de Oliveira,
- 3 – Dr. Tenach Wilson de Souza,
- 4 – Dr. Dino Caneva,
- 5 – Dr. Benedicto Frydberg,
- 6 – Dr. Arthur Leite,
- 7 – Dr. Clodoaldo Brenner,
- 8 – Dr. Adalberto Simões,
- 9 – Dr. Antonio Carlos Rebello Horta,
- 10 – Dr. José Walmarath,
- 11 – Dr. Luiz Felipe da Silva e
- 12 – Dr. Armando Vasconcellos.

E, por último, os licenciados:

- 1 – Gezeonio Luccas Annes,
- 2 – Oscar Pinto de Moraes,
- 3 – José Magalhães,
- 4 – Giuseppe Yoria,
- 5 – Romão Rosa Lopes,
- 6 – Antonio Carlos Wolmer e
- 7 – Roberto Cunha e Silva.

Os três primeiros são mortos, e Roberto da Cunha e Silva, que atualmente reside no Estado do Paraná, era estudante da Faculdade de Medicina da Bahia.

Lembro-me neste momento, de mais de um colega, também já falecido, o ilustre Dr. Max Kröne.

São, portanto:

33 formados e

7 licenciados.

Passo, finalmente, a dar a lista das farmácias:

1 – Hospital de Caridade,

2 – Hospital de S.Vicente de Paulo,

3 – Antonio Manoel Caminha,

4 – Oscar Pinto de Moraes,

5 – Miguel Pinto de Moraes,

6 – João Rosa Lopes,

7 – José Bernardes,

8 – Ruy Vergueiro,

9 – Armando Villanova,

10 – Orozimbo Silva,

11 – Ivo José Ferreira,

12 – Quinto Giongo,

13 – Theodorico Borges da Rosa,

14 – José Vasconcellos,

15 – Antonio Fontoura,

16 – Pedro Vargas,

17 – Ademar Pinto Carvalho,

18 – Cooperativa da Viação Ferrea,

19 – Germano Ross e

20 – Tristão Ferreira.

Este é sócio de João Caillar Barbosa e Arthur Koch.

Os de número 3, 4 e 5 já morreram, 6,7,8,9 e 10 já fecharam seus estabelecimentos. Dei consultas nas de número 4,5,7, 8, 11 e 17.

A cidade, além de contar com dois muito bons hospitais, o de Caridade e o de S. Vicente, tem ainda dois laboratórios de análises clínicas, sob os cuidados dos competentes profissionais: Tristão Ferreira e Germano Ross.

A clínica só conta com um aparelho de Raio X, o do Dr. Arthur Leite; ou do Dr. Miguel Kozma ainda esta lá, mas, dado ao afastamento de seu proprietário há 3 anos, está fechado.

Fundamos uma sociedade de medicina, que somente funcionou durante três anos. Fui seu presidente em 1930 e 1931, sendo depois eleito o Dr. Odilon. Foram apresentados e discutidos vários e importantes trabalhos, mas achamos de melhor aviso acabar com a Sociedade, pois ela estava sendo o pomo de discórdias, de inimizades e de questões externas, travando-se ali, parece incrível em um meio tão intelectual, discussões violentíssimas.

Rio de Janeiro, 13 de Agosto de 1935.

095 PIOR QUE ÉGUA pg. 63

Até Fevereiro de 1916, sair à rua, em noite sem luar, em Passo Fundo, era um problema sério, e mesmo perigoso.

O Coronel Gervazio Annes, como intendente, contratou, com a firma Bromberg Fls Cia, por concorrência pública, a construção de uma usina hidroelétrica, aproveitando uma cascata do Rio Jacuí, na estrada do Marau, 5º distrito, e o

Tenente Coronel Pedro Lopes de Oliveira, substituto daquele na curul municipal, inaugurou o importante melhoramento, e, nesse ato, fui o orador oficial.

As ruas, não niveladas, cheias de altos e baixos, com barrancos de tamanho regular e até buracos e buracas, eram iluminados, de longe em longe, como pontos de referência, “boias luminosas”, por pequenos lampiões de querosene, que, à meia noite, ao mais tardar, apagavam-se.

Muitas eram as casas que tinham vacas leiteiras e estas, presos os terneiros, dormiam, à vontade, nas ruas, oferecendo obstáculos aos transeuntes descuidados.

Eu mesmo cheguei a cair em cima de uma, e, nesse tempo, “malgré tout” era melhor se andar pelo meio das ruas, porque os passeios, das calçadas, ainda eram piores.

Numa dessas noites, negras como carvão, e de rigoroso inverno, fui, às 4 horas da madrugada, chamado a atender o Sr. E. Ag., gravemente enfermo, há dias, e residente no lugar denominado Boqueirão, cerca de cinco quadras de minha residência.

Sai de sobretudo e luvas grossas de couro, forradas de lã, com um revólver 32, de cano curto, no bolso do casacão protetor, e seguro com a mão direita. Na outra, uma bengala, que agitava, na frente, de um lado para outro, à procura de alguma vaca deitada.

Ao cruzar da segunda para a terceira quadra, senti que alguém, que não pude bem distinguir, segurava-me, com força, a roupa, na altura do peito, e gritei, metendo-lhe, rápido como um relâmpago, a arma: “larga-me, senão morre”. Procurei disparar o tiro, mas o dedo ficou atrás da volta que cerca o pinguelo, por isso que com a espessura da luva e com a pressa, perdi o tato.

“Desculpe-me, Dr., não era para o Senhor”, foi a resposta imediata, e deixou-me, correndo em sentido contrário. Refeito do espanto e do imprevisto, segui, ligeiro, o meu caminho.

O assaltante, não há dúvida, me reconheceu e o atentado, é claro, não era para mim, mas poderia ter graves consequências.

Até hoje, não sei quem era e para quem era a espera... Talvez encrenca de china, pois, na sua travessa, moravam algumas.

O doente, em plena asistolia, estava malíssimo: todo adormecido, pulso miserável, dispnéia intensa. Às 5 horas, o seu estado era desesperador. Pensei em voltar, mas julguei prudente, diante do ocorrido, aguardar o dia.

Depois de haver tomado alguns “mates” com muita vontade de urinar, penetrei em um galpão ao lado da casa, e, logo de entrada, no escuro, ouvi, perto, agitada respiração, e estas palavras: “fique quieto”. Curioso, querendo desvendar o mistério, acendi, de repente, dois fósforos juntos, e o que vi, levantando-se do chão: um homem que procurava esconder-se no fundo, e uma mulher que saia correndo pela porta.

Quem eram?

Ele, um empregado do doente; Ela, a própria mulher do agonizante.

Às 6 horas, “o pobre homem”, entre lágrimas da “honrada” esposa, despedia-se da vida!...

Pior que égua...

A viúva, de cerca de 45 anos, amigou-se desde logo, com o referido caixeiro, de 24 mais ou menos, abandonando-o, em seguida, para entregar-se à prostituição. Sei, e por ouvir dizer, que ela tinha um costume original e esquisito: no fim do ato carnal, no momento da “epilepsia brevis” desandava a chorar, repetindo sempre e para todos: “você, até nisso se parece com o meu defunto”. Atendi-a de múltiplas lesões venéreas, e operei de dupla adenite inguinal supurada.

Ficando com regular fortuna, casou-se, dois anos mais tarde, com um colono italiano, que liquidou a casa comercial, vendeu o prédio e outras propriedades, e com a “digna consorte” foi viver “feliz” nos sertões de Paraná.

Rio de Janeiro, 14 de Agosto de 1935.

Apareceu, certa noite de Janeiro de 1932, perambulando pelas ruas da cidade, um tipo desconhecido, esfarrapado e sujo, e tais os seus desatinos que a polícia o prendeu, metendo-o na cadeia, onde passou em gritos desusados, palavras e gestos obscenos.

Pela manhã, Henrique Scarpellini Ghezzi, então intendente municipal, e um dos meus mais diletos amigos, pediu-me para ir vê-lo, pois presumia tratar-se de um louco. Assim o fiz, e constatei uma psicose de forma delirante, alegre às vezes, ruidosa e agressiva outras. Sua boca era uma só placa sifilítica, seu sangue +++++, na reação de Wassermem.

Isolei-o em um amplo galpão de madeira, ao lado do quartel, e destaquei um velho soldado e um enfermeiro só para atendê-lo.

Cuidados higiênicos, repouso, boa alimentação, supressão de álcool, grandes banhos mornos e, principalmente, medicação específica, bismuto e 914, em doses progressivas, foram, pouco a pouco, trazendo ao enfermo acentuadas melhorias e, no fim de um mês, já gozava de relativa liberdade.

Não queria, no entanto, dar, como não deu, informação a seu respeito, passando horas, embaixo dos cinamomos, sem pronunciar uma palavra e, quando se lhe tocava no assunto, recolhia-se, irritado, para o galpão.

Estava eu satisfeito com o resultado da terapêutica, e esperava reabilitar, em breve, o seu estado, consequência de sífilis, álcool e esgotamento genérico, como depois bem se demonstrou, para, em ele falando, encaminhá-lo à sua família, quando surge-me o soldado com a notícia de que o homem está furioso como nunca, e dizendo me ter o acanhamento de contar o seu dele atual procedimento. Ao muito insistir, acanhado e de olhos baixos, referiu que, há dias, chegara a mulherzinha do doente, a quem este se atirara, como “porco em guabirova”, praticando o ato carnal 4, 5 e mais vezes por dia, no galpão com a janela aberta, no corredor, no pátio, e até mesmo sob as árvores, com escândalo e ganchio da soldadesca, que assistia ao espetáculo com formidáveis gargalhadas.

Estava como uma fera irritada, ninguém dele podia se aproximar. Fui até lá, e verifiquei a verdade da praça municipal, no final de uma cena, em meio do corredor. Foi numa luta titânica e indescritível a que travou com quatro fortes soldados, aos quais determinei a separação do casal. Segura à sua presa, que também, com pontapés e socos, defendia os interesses do esposo, lutou com decidido arrojo, e só mesmo a superior força bruta o venceu.

Chamei depois, em particular, a esbelta caboclinha, imunda e em trapos, e fiz-lhe ver, com boas maneiras, não só da vergonha, da imoralidade, como também da piora do doido, causada por ela tão somente. Ela, coradinha, humilde e na maior sinceridade, que, em outra classe social, qualificaria de cinismo, me retrucou assim:

“Que é que eu vou” fazé? Sou a sua “muié”. Ele “qué” e eu sou obrigada a “dá”, mas agora, depois do que o Sr. me disse, quando ele “quizé” eu vou, pedinchá”.

Achei imensa graça de “pedincha” e anotei o termo e a frase.

Uma semana depois, conseguiram fugir, e deles apenas tive a informação de que passaram, a pé e bem juntinhos, ao cair de uma tarde de sol rubro, por Campo de Meio em direção à Lagoa Vermelha.

Rio de Janeiro, 14 de Agosto de 1935.

097 IN MEMORIAN pg. 72

No dia de hoje, 15 de Agosto, Assunção de Nossa Senhora, faleceu, no ano de 1892, em Passo Fundo, o meu Pai, João de Campos Vergueiro, e, homenageando a sua memória, honrada e digna, evoco, num misto de vivas saudades e de emoção suprema, à imagem de Virgem gloriosa, para quem, na mais íntima e sentida das orações, imploro, e suplico, um olhar de proteção para o querido autor dos meus dias.

Há 43 anos, e ainda tenho bem presente o doloroso acontecimento!

Numa fria manhã de inverno rigoroso, de um sol, que, desfazendo a geada da noite, começava beijar e aquecer a terra, em benéfica carícia, pediu-me, ainda na cama, às 9 horas, alguns jornais. Trazendo-os, abri a janela para entrada de luz, e ele, acomodando-se para melhor ler, virou-se para o canto, e meia hora depois, foi, nessa mesma posição, com os diários ligeiramente caídos, encostado, por minha mãe, já sem vida. Vitimou-o uma síncope cardíaca.

Oito anos mais tarde, em 9 de Março de 1900, à rua Duque de Caxias, em Porto Alegre, à mesma hora, entregou também sua alma a Deus, a minha estremeçada Mãe, Carolina de Araújo Vergueiro.

No dia primeiro, matriculá-ra-me na Faculdade de Medicina.

Um furúnculo do lábio superior, com infecção para o seio frontal, em 48 horas, levou-a ao túmulo, cujo mármore, na frase de Pereira da Cunha, oculta aos nossos olhos a leitura do segundo volume da existência humana. No seu delírio, entrecortado de dores, dizia-me, de quando em quando: “Filho querido, se tu queres que eu me salve, dá dois nós em uma fita cor de rosa”. Meus olhos, neste momento, cobrem-se de lágrimas... dei... e Ela, pouco depois, pronunciou suas últimas palavras, caindo em coma: “Filho, meu filho, tenho frio”. Guardo, até hoje, com religioso amor, essa relíquia, com um maço de seus cabelos, e papéis referentes a Ele e a Ela.

Senhora de Conceição, padroeira de sua e da minha terra, tende-a em teu doce regaço. Foi inhumada na Capital do Estado, onde esteve até 1923, quando retirei seus ossos, levando-os para Passo Fundo. Aí, mandei erigir esse pequeno mausoléu, com o a inscrição “In memorian” onde depusitei os seus restos mortais, com os de meu Pai e irmã Emilia. Esta, de angina diftérica, faleceu aos cinco anos de idade: inocente e pura na terra, passou, no céu, a formar na corte dos anjos.

Seus filhos:

Nicolau, nascido a 7 de Março de 1882 e Izaura, nascida a 19 de Agosto de 1887. O primeiro, em 11 de Dezembro de 1905, casou-se com Jovina Déssessards Leite,

e Izaura, em 1906, com o Dr. Dionysio Cabeda Silveiro. Jovina nasceu a 2 de Março de 1885 e Dionysio a 16 de Outubro de 1880.

Seus netos:

Ruy – filho de Nicolau – nascido a 15 de Dezembro de 1906.

Maria – filha de Nicolau – nascida a 5 de Setembro de 1909.

Mario – filho de Izaura – nascido a 19 de Setembro de 1907.

Jorge – filho de Izaura – nascido a 10 de outubro de 1915.

Maria – filha de Izaura – nascida a 6 de Julho de 1918.

Luiz – filho de Izaura – nascido a 28 de Agosto de 1920 e

Martha – filha de Izaura – nascida a 18 de Julho de 1928.

Seus bisnetos:

Eugenio, nascido a 26 de Junho de 1929 e Carolina, nascida a 11 de Abril de 1931. Ambos são filhos de Maria Vergueiro, que em 1928, casou-se com Honorino Malheiros.

Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1935.

098 UMA CONFERÊNCIA pg. 76

Em 10 de Junho de 1932, pronunciei, perante a Sociedade de Medicina, de Passo Fundo, a seguinte conferência:

“Venho submeter à apreciação dos meus ilustres colegas um caso de minha clínica particular”.

O assunto é assaz conhecido e, se algum muito poderá haver nesta simples contribuição residirá, por certo e tão somente, nos comentários e nas esclarecidas luzes dos prezados consócios.

Isso posto, e sem mais preâmbulos, vamos ao caso.

Possuímos hoje quatro poderosos agentes contra a sífilis: mercúrio, iodo, arsênio e bismuto e, apesar dessas armas, observamos, às vezes, casos que resistem impertinentemente à terapêutica.

N.N., de cor branca, com 36 anos de idade, de constituição robusta, sem abuso e nem sequer uso de fumo e de álcool, contraiu, em Setembro de 1931, quando em Porto Alegre, um cancro de Hunter. Iniciou, desde logo, naquela capital, um tratamento pelo neosalvarsan, tendo feito 5 injeções endovenosas de: 1 de 0,15; 1 de 0,30; 2 de 0,45 e 1 de 0,60, com o intervalo de 3 dias uma da outra, no fim das quais a lesão cicatrizou.

Regressando a Passo Fundo, foi acometido, no dia 2 de Outubro, de violento reumatismo poliarticular agudo.

Nessa ocasião, fez prolongado uso de comprimidos de atophan Schering e ainda 14 injeções intravenosas de atophanyl. No fim de um mês as dores cederam, podendo o doente caminhar, continuando, no entretanto, a tê-las ora em uma, ora em outra articulação.

Observou então o enfermo que apareceram lesões locais, placas, em toda a mucosa da cavidade bucal, e principalmente para a língua que, aumentada de volume, era, por assim dizer, uma só chaga, com vastas e profundas lesões.

Continuando o seu tratamento, com um farmacêutico, fez mais e seguinte:

12 injeções de Tiobi,

12 injeções de soro de Jenner e

914, nas doses de

1 de 0,15,

2 de 0,30

4 de 0,45

14 de 0,60 – de 3 em 3 dias.

As lesões não apresentaram a menor modificação, ao contrário, agravava-se, dia a dia, o seu estado.

Depois disso, usou soro de Jenner e endo-iodina, alternadamente, uma caixa de cada.

Por último, fez 5 fricções de pomada mercurial, na dose diária de 4,50, sobrevivendo intensa estomatite.

Como seu estado continuasse sempre pior, com constante cefaléia, resolveu o doente procurar-me.

Examinando-o, constatei as lesões acima descritas, esternalgia, tibialgia, plêiades inguinais engorgetadas, gânglio de Record e roxolas disseminadas pelo corpo. Esse doente ainda não fizera exame de sangue.

Quanto à urina, examinada no laboratório de Tristão Ferreira, nada acusou de anormal.

Em relação aos aparelhos circulatório, respiratório também nada encontrei fora do comum.

Institui o tratamento pelo bismogenol Tosse.

Antes de fazer a 2ª injeção, notava-se apenas uma ligeira modificação de cor. Depois da 3ª, as exulcerações eram muito menores e rasas, e desaparecimento das roxolas.

À 4ª injeção, N. N. me afirmou não ter tido mais dores reumáticas e haver desaparecido a dor de cabeça. A estomatite cedeu depois da 3ª injeção, e depois de 5ª, a cavidade bucal não apresentou uma placa sequer, estando a língua inteiramente boa.

Aumentou de peso, tem grande apetite e dorme perfeitamente bem.

Pretendo continuar o tratamento, controlando-o com exames de sangue.

Preferi o preparado insolúvel, pois que em minha clínica é o que, principalmente nos casos graves e rebeldes, me tem dado melhores resultados, visto como não se eliminando rapidamente tem, por isso mesmo, uma ação mais duradoura.

Uso, com grande preferência e diariamente, o bismogenol Tosse há cerca de 8 anos e ainda não me foi dado verificar um abscesso, e cada vez mais me convenço de seu grande valor terapêutico.

Não quero, e isso seria um absurdo, desfazer da importância e do valor dos preparados arsenicais, iodados e mercuriais. Desejei apenas mostrar a importância do bismogenol em caso de lues terapêutica resistente.

Vejamos agora algumas opiniões:

O Dr. Aguinaldo Pereira Rego, assistente de clínica dermatológica e sifiligráfica e a de Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, assim escreve, em artigo publicado na Imprensa Médica, em Janeiro deste ano: A eficácia terapêutica do bismuto é manifesta em todos os períodos de sífilis, já pela sua ação treponemicida, já pela cura de acidentes específicos. O bismuto é, pois, conhecido como anti-sifilítico eficiente, substituindo com vantagem o mercúrio e concorrendo seriamente com os arsenicais. Estes, no tratamento de lues, são absorvidos, agem e são eliminados rapidamente, ao passo que o bismuto age diversamente. Se solúvel, o bismuto é eliminado rapidamente como os arsenicais, e, o que é pior, pode lesar os urinatórios, ao passo que o insolúvel (aquoso ou oleoso) não se eliminando rapidamente, tem uma ação mais duradoura e, portanto, mais benéfica para o doente. Indicado em todos os períodos de sífilis, o bismuto, praticamente, não tem contra-indicação. No meu serviço tem sido experimentado grande cópia de preparados de bismuto, solúveis e insolúveis. Salvo casos excepcionais, optamos sempre pelos compostos insolúveis”.

Pertencem ao Dr. Marino Machado as seguintes considerações, também publicadas, no Rio, este ano, n’A Folha Médica: “Torna-se hoje difícil para o médico escolher, entre a verdadeira plethora de Bismuto, sem que satisfaça inteiramente as exigências de terapêutica específica de bismuto. Negligenciando alguns grupos secundários, podemos dividir em duas categorias os preparados hoje mais em uso: os hidrosolúveis, os liposolúveis e os insolúveis (em veículo oleoso). Os preparados do primeiro grupo são de efeito rápido e passageiro. A pequena quantidade de bismuto neles contida entra logo em circulação, sendo imediatamente após eliminado pelo organismo. Tem eles, pois, ação semelhante

à dos arsênicos. Quanto aos preparados liposolúveis, não resta dúvida que o seu efeito terapêutico é superior aos dos hidrosolúveis, sendo, ao mesmo tempo, mais reduzida a sua toxidez. Apresentam eles todas as vantagens do veículo lipóidico: ação mais rápida e mais neurotrófica. Entretanto, embora em grau menor, a desvantagem dos liposolúveis é a mesma dos hidrosolúveis: a sua ação é enérgica, mas inferior, na duração, aos preparados insolúveis. São os compostos insolúveis do bismuto que melhor compensam as falhas do salvarsan. A formação de depósitos musculares de bismuto, gradualmente absorvidos, mantém o organismo sob a ação constante do medicamento. É esta propriedade do bismuto insolúvel o que o torna parceiro ideal do salvarsan em todas as fases de sífilis. É identificável a melhor ação do bismuto na sífilis nervosa e nas manifestações metabólicas. São, pois, altamente satisfatórios os resultados obtidos com os preparados insolúveis do bismuto. Possuem eles bom índice terapêutico e ação específica forte e duradoura. A enorme literatura, que comprova muitos milhares de casos tratados energicamente com bismuto insolúvel, acentua a extrema raridade de acidentes”.

Agora, e por último, para não mais abusar da bondade dos colegas, farei, encerrando este trabalho, referência a um notável caso tratado pelo Dr. José Barbosa, de Minas Gerais, e que vem relatado no Brasil médico.”.

- Aqui termina o que li, nessa conferência. Estudei, e comentei largamente a observação de Dr. José Barbosa.

- A pessoa, N. N., em referência, cujo nome, naquele momento, não podia declinar, é o meu amigo Sr. Almiro Ilha, muito conhecido e relacionado, em Passo Fundo.

- Agora, para terminar esta parte das minhas “Notas íntimas”, quero relembrar os versos de Guerra Junqueira, publicado ha muitíssimos anos, antes mesmo da fama e glória do bismuto, em sífilis:

“Se a água faz milagres,

O que eu vos não discuto,

E, por isso, a adorais,

Ajoelhemos então em face do bismuto

E d'outras drogas mais”.

Rio de Janeiro, 16 de Agosto de 1935.

099 NÃO É AÍ pg. 86

Ruy, por forçoso motivo de sua alimentação artificial, vivia constantemente doente dos intestinos e, por maiores que fossem os cuidados e as atenções, por qualquer e insignificante descuido, lá estava o menino com febre, vômitos, desarranjo intestinal, etc.

Aos dois meses, consegui-lhe uma ama, a “siá” Maria, mas não houve meio pegar no peito; todos os artifícios usados, para tal, foram inúteis: na mamadeira, o leite é mais quente, mais doce e, principalmente, exige muito menos esforço. Até um ano experimentei tudo o que sabia, e tudo o que me ensinavam, sem resultado: leite de vaca, fervido, desgordurado, esterelizado, leite condensado, farinha láctea Nestlé, maisena, araruta, glaxo, kufeke [marca de farinha láctea], etc. Dessa idade por diante deu-se bem, e muito, com mingaus de farinha fosfatina Fallières com leite de cabra.

Tinha um horror aos remédios; eram seus conhecidos: calomelanos, óleo de rícino, sene, sulfato de sódio, benzeno platol, subnitrito de bismuto, tannalbina, ratanhia, enquinino, citrato de sódio, ácido láctico, sal de Vichy, e outros. Magnésia fluída de Murray tomou ou às dúzias.

Ficou tão ressabiado, que era um caso sério fazê-lo tomar uma simples poção, e quantos aos purgativos, ainda era pior.

Uma madrugada, aos 6 anos, tive necessidade de administrar-lhe um purgativo, por indigestão de doce de côco, que, às ocultas, comera. Como fazê-lo? Lembrei-me então de um expediente, que logo pus em prática: ele gostava muito de tomar mate chimarrão comigo, e preparei um amargo de erva fraca, missioneira, que

comecei a tomar. Pediu, neguei; chorou, tornei a negar; berrou, neguei ainda... enfim, depois de muito estimulá-lo por esse modo, cedi, mas, em vez de água quente, pus na cuia, sem que percebesse, um chá de sene, que, gostosamente, engoliu.

Tínhamos um grande cuidado e excepcional vigilância, pois era muito travesso. Mesmo quando doente, era alegre: mal melhorava, já sorria... Uma vez, aos três anos, desceu sorrateiramente a escada do jardim, e pos-se a comer, na panela do Sarandi, que, humilde e amoroso, sacudindo as orelhas e caindo baba, aguardava, paciente, as suas ordens para avançar na bóia; pois bem, coisas inexplicáveis da natureza, com semelhante comida, feijão, carne e outros restos, não teve a menor perturbação gastrointestinal.

Outra ocasião, precisava de uma lavagem intestinal. Minha sogra, que Deus a tenha no Reino da Glória, míope, afobada e nervosa, encarregou-se da enteroclise, mas procurava o ânus da criança para cima do cóxis. Molestou-se com a simples observação que fiz: “não é aí” e, irritada, assim se expressou: “O Sr. pensa que eu não sei onde é isso?” Finalmente, e não facilmente, achou-o, e, depois, como vencedora: “ora essa, seu Dr. quando o Sr. nasceu eu já sabia...”. Não lhe retruquei, e, vingando-me amistosamente, para ouvir, entre gostosas gargalhadas, as suas engraçadas desculpas e justificações, espalhei, entre os íntimos, a ocorrência.

Aos dez anos, Ruy teve uma pneumonia. Durante essa enfermidade, permaneceu à sua cabeceira o Dr. Roberto Cunha e Silva, que consagrava-lhe uma verdadeira amizade, encarregando-se de tudo: cataplasmas, ventosas, injeções e remédios.

Atacou-se a gripe epidêmica, de 1918, mas de forma benigna.

No decorrer de 1926, contraiu um cancro duro, fagedênico, e conseqüente adenite inguinal, que assumiu o maior desenvolvimento, que já tinha visto. A medicação, que melhor lhe aproveitou, foi o bismogenol Tosse. Era a primeira vez que aplicava; havia, pelo correio, recebido uma amostra, e data daí a minha admiração por esse preparado.

Rio de Janeiro, 17 de Agosto de 1935.

Chego, hoje, ao centésimo caso, a que espontaneamente, me propus a descrever. Quero encerrar toda essa despreziosa arenga, que só a mim interessa, com chave de ouro, e não o poderia escolher melhor do que referindo-me à minha querida filha Maria.

Desde pequenina, não doentia, foi, no entretanto, de constituição débil, e esse estado de fraqueza, que tantas vezes me preocupou, aumentou com o seu rápido crescimento, pois aos 15 anos era tão alta como hoje.

Por diversas ocasiões, apesar de nunca apresentar qualquer sintoma denunciador, examinei com cuidado, e mandei examinar por ilustres colegas, os seus pulmões, nada, felizmente, averiguando de anormal.

Aos três anos, mais ou menos, teve sarampo, de tipo benigno, e aos nove, a gripe epidêmica, de forma leve.

Depois do nascimento de seu primogênito Eugenio, em parto rápido e perfeitamente vulgar, começou a sentir pequenas e continuadas dores na fossa ilíaca direita. A dúvida estabeleceu-se em meu espírito: apêndice ou ovário, predominando, sempre, a ideia daquele.

Em sua primeira crise, quando já com gelo e melhor, chamei o Dr. Francisco Benoni, que julgou prudente uma observação mais demorada. Nesse ínterim, esse prezado colega transferiu sua residência para Porto Alegre.

Apelei para o Dr. Dino Caneva, amigo de distinção e operador conceituado. Opinou por apendicite, e aconselhou a intervenção, de acordo também com os pareceres dos não menos ilustres Dr. Arthur Leite e Benedicto Frydberg.

À tardinha do dia ____, do mês de _____, de 193____, internou-se no quarto número quatro, do Hospital de S. Vicente de Paulo, e nós, em casa, passamos a noite acordados, como sombras irradias e ambulantes, de um lado para o outro, em silêncio, simulando coragem, sufocando suspiros, comprimindo lágrimas e a

casa, com a sua ausência, parecia-nos enorme, acompanhando-nos, aos nossos olhos, nessa dor pungente, “em cada canto gemia uma saudade”.

Algumas centenas de semelhantes operações, seguro, sereno e despreocupado, já tenho praticado, mas em pessoa da família a coisa muda, por completo, de figura: é o amor, que tudo faz ver, nesses casos, pelo pior prisma: rondava-me o coração o doloroso pressentimento de que minha filha iria morrer, e não podia externá-lo, para não criar, nos outros, o pânico e o desespero, tanto mais quanto urgia a intervenção cirúrgica, pois os acessos era mais amiúde, e cada vez mais intensos.

Às primeiras horas da manhã, eu já espreitava às portas do Hospital, ainda fechadas, e, mal se abriram, soube que minha filha Maria estava na Capelinha, onde fora assistir missa e comungar, e chegaram, de manso, aos meus ouvidos, o balbuciar de fervorosas orações e as plangentes notas dos cânticos sagrados. Juro que senti um abalo imenso, e as minhas primeiras lágrimas caíram.

Sai desesperado.

Não queria ali ficar, nem em casa. Pus-me a andar de automóvel por toda a cidade, e confesso que me irritava a maneira alegre, porque, por pessoas amigas, era cumprimentado: parecia-me incrível que não compreendessem o estado angustioso de minha alma; julgava estampada, no rosto, toda a minha dor.

Às 9 horas, voltei aquele estabelecimento, refeito de superior coragem. Pelo corredor amplo e sombrio, passadiço da vida e da morte, tia Alice, Pupe, Honorino, Ruy, Diva e outros aguardavam o resultado. Fui à sala de operação. Dr. Caneva, satisfeito, fazia já a sutura da pele.

“Tudo muito bem e examine o apêndice”.

Era, não havia a negar, um caso sério. Maria, levemente ruborizada, dormia tranquila, sob a ação de anestesia geral, aos cuidados da risonha e saudosa Irmã Florentina, a quem, daqui há pouco, farei referências. Voltei para casa, e descarreguei, em tremores e pranto, toda a tempestade avolumada, desde tempo.

Eu, que nunca tremera em combates, era como um vime agitado pelo vento; que sempre me julgara forte, era de uma fraqueza de espantar; eu, médico, operador

e parteiro, há tantos anos, habituado a observar dores e lágrimas, misérias e grandezas, era de uma pusilanimidade infantil... Demonstrava, nesse momento, que era, nada mais nada menos, do que uma frágil criatura humana.

Contei as horas dos primeiros cinco dias, vendo-as passar, na diminuição do perigo, com indisfarçável satisfação. Dormi duas noites no Hospital, ou melhor, em verdade, cruzei-as em claro.

No fim de oito dias, levei-a para casa, e esta, como por encanto ao seu simples contato, encheu-se novamente de alegrias e de júbilas.

“Hosana! Hosana!” tudo cantava.

Oh Deus Onipotente, como te sou agradecido!

-Direi, agora, em respeitosa homenagem, algumas palavras sobre a Irmã Florentina, que trabalhava na seção de cirurgia, onde a conheci.

Ocupava-se, geralmente, da anestesia geral.

Moça ainda, natural de longínqua cidadela de Alemanha, era uma verdadeira irmã de caridade: alegre, risonha, dedicada, boa, meiga, aureolada enfim de magníficas virtudes.

Tive ensejo de apreciar o seu carinho pela minha filha, o que aliás dispensava a todos os enfermos, ricos ou indigentes, sem exceção.

Sei de muitas vezes que passava noites e noites, em claro, e quantas a vi, sempre sorrindo levemente, cheia de doçura e de graça, pelas tristes enfermarias, no seu sublime mister, distribuindo remédios e carícias, cuidados e bençãos, sacrifício espontâneo de tudo, só pelo bem da humanidade, e amor a Jesus.

Por uma madrugada, quando, com o Dr. Caneva, fazia a minha “toilette” pré-operatória, disse-lhe eu, gracejando:

- Escute, Irmã, a Senhora é eminentemente boa, sua vida é a de uma santa, quero, por isso, fazer-lhe uma solicitação: é natural, pela nossa diferença de idade, que eu morra primeiro, e então não irei imediatamente à presença de São Pedro; ficarei vagando por esse imenso azul, escondido em alguma estrela, até que a

Irmã deixe a terra, esse Vale de lágrima. Quando a Senhora for chegando ao céu, eu lhe estenderei as mãos, em súplica, a fim de que interceda, com o seu justo prestígio, por mim, pobre pecador, mas não de todo mau: falará com o velho chaveiro, e ele, estou certo, não se negará a atender o seu primeiro pedido e, por esse modo, irei também gozar de eterna bem-aventurança.

Com uma bondade infinita, sempre sorrindo, assim me respondeu:

- Sim, Dr., eu rogarei por si, prometo...

Dias depois viajei, e, ao meu regresso, a caridosa Irmã Florentina já estava enterrada.

Fiquei desolado.

Nessa mesma noite, o Dr. Caneva procurou-me para um recado: Irmã Florentina, ao morrer, na hora sagrada, pediu-lho e à Madre Diretora: “Digam ao Dr. Vergueiro que não me esquecerei de seu pedido e, no céu, rezarei muito por ele”.

No dia seguinte, o meu primeiro ato foi levar-lhe, no cemitério, as muitas flores que me tinham sido, na véspera, oferecidas.

Por intermédio do prezado amigo Henrique Scarpellini Ghezzi, então intendente municipal, consegui a concessão perpétua do terreno, em que esta enterrada.

Devidamente autorizado pela Madre, a quem obedecia mandei eregir-lhe, com a contribuição também de Henrique Scarpellini Ghezzi, Arthur Lângaro e Dr. Octacilio Ribas, um pequeno mausoléu, humilde como a sua vida, simples como a sua alma, marco imperecível de sua benfazeja passagem por este mundo.

Não tenho a menor dúvida: quem assim viveu tem seguras credenciais, para o Reino Celestial.

Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 1935.

No espaço de 35 dias, de 11 de Julho a 18 de Agosto, escrevi, sempre pela manhã, no Hotel Avenida, onde, no quarto 427, estou hospedado, essas “notas íntimas”, como pequena recordação de algumas ocorrências destes 30 anos de laboriosa e ativa clínica, no torvelinho do eterno “struggle for life”, contínuo arrebentar de ondas impetuosas no granito indestrutível das rochas.

Trinta anos de trabalho!...

Mais são os meus cabelos brancos que os pretos, e eu poderia agora dizer, como Hoderlin, o eterno sonhador, o artista do verso, com a diferença de que ele, moço, sentia apenas a hostilidade da vida, e eu, tão somente, o peso dos anos: “já está morta aquela que me criou e que me amava; está morto também o mundo da minha infância; este meu peito, que um dia se embebedava do azul do céu, está já morto e estéril como um campo de restolhos! Oh! A primavera poderá cantar como outrora uma canção de doçura e de consolo, mas a aurora da minha vida passou e a primavera de meu peito murchou há muito tempo”.

Não procurei buscar forma literária, nem adorno de palavras, plainei simplesmente, em linguagem comum, e ao correr da pena, em vocabulário simples, natural, sem preocupação de opulência, essas 100 observações.

“O estilo, dizia Buffon, é a ordem e o movimento com que cada qual dispõe os seus pensamentos”. É certo que, relendo-as um dia, terei muito que emendar na forma, aparar arestas, polir expressões, modelar conceitos e suavizar palavras: a essência continuará pura, pois ela é uma só e verdadeira.

Recorri quase sempre à memória, por isso que raríssimas são as anotações que possuo. A conferência sobre bismuto é a única coisa que já tinha escrito; outras que pronunciei, na Sociedade de Medicina, como meningite pneumocócica, dentição precoce e uso do 914 em febre tifóide, não as escrevi. Queria apenas 100 casos; estou satisfeito; aqueles foram os primeiros.

É provável que me venham outros à lembrança, e então continuarei a escrever. Não quebro hoje, pois, a minha obscura pena; guardo-a para prosseguir. Não lhe

digo o nosso “adeus” palavra um tanto quanto dura e áspera, mas a despedida suave e graciosa dos nipões: “sayonará” que me parece expressão mais doce e mais delicada, o “até breve” daquela gente valente, que vive, e trabalha, e luta e morre a sorrir, enigmáticamente...

Sayonará...

Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 1935.

102 MONSTRO pg. 103

Logo depois de formado, tive que ir ao Carazinho, então 4º distrito do município de Passo Fundo, a pedido do delegado de polícia, Eduardo Manoel de Araújo, a fim de fazer um auto de corpo de delito.

Em uma chácara, distante uma légua do povoado, tinha Antonio Ramos Barrozo, mais conhecido por Coronel Tico, rico fazendeiro, a sua “condelária” de animais de corrida, e, entre outros, era peão tratador um negro de cerca de 30 anos. Esse monstro, aproveitando da ausência de uma mulher branca, também ali empregada e viúva, e que, para lavar umas roupas no arroio próximo, deixara, em casa, como costumava, 3 filhos: dois meninos de 4 e 9 anos e uma garota de 6, saciou, em todos, os seus baixos e bestiais instintos sexuais, deixando-os em lastimável estado, não só pela violência do ato como também por estar com gonorréia e cancro de Hunter, contaminando as infelizes crianças. Estas levaram logo o fato ao conhecimento de sua mãe, a qual, na maior indignação, interpelou o degenerado, que, por sua vez, procurou justificar seu ato miserável sob o pretexto de que, copulando com crianças ou animais ficaria bom.

Há de fato, uma estúpida lenda, e ainda que, quanto mais tenra e nova a vítima melhor é o resultado. Felizmente os seus adeptos, com medo de ação da justiça, atiram-se, de preferência, aos animais.

O negro infame, de alma e sangue de sua própria cor, avisado pelo patrão, que lhe forneceu dinheiro e cavalo, fugiu, e dele nunca mais a polícia teve notícias.

A menina foi a que ficou pior.

Naquela idade não é possível a introdução do pênis, pela própria conformação óssea da região, em acanhado desenvolvimento.

Houve, no caso, grande ruptura do períneo: da ferida, corria cremoso pus hemorrágico e, de um lado, virulento cancro duro, cuja presença também se constatou nos dois rapazinhos. Trouxe essas crianças para a cidade, onde, durante muito tempo, as tratei; e de quem nunca mais soube.

Rio de Janeiro, 20 de Agosto de 1935.

103 TRISTE FIM DE VIDA pg. 106

O Coronel Tico Barrozo, quando o conheci, deveria ter 45 anos, e residia no Pontão. Comerciante ao princípio, fazendeiro depois, vindo de Julio de Castilhos, foi, pouco a pouco, comprando terras anexas, até formar, no Bugre Morto, a estância Bela Vista, de arca superior a 50 quadras.

Era carreirista e jogador de cartas, sempre de parceria, de sociedade e de combinação com o seu genro Major Napoleão Moreira Machado. Vivia com a carteira cheia de cédulas de alto valor, e para pagar pequena importância, mexia e remexia em todas as notas, para que fossem bem vistas, e nisso revelava um prazer especial.

Tornou-se chefe político do Coronel Gervazio naquela zona, e gostava imenso de fazer discursos, alguns dos quais se tornaram muito comentados: contam que, em uma festa dedicada ao Dr. Julio de Castilhos, saudando-o, fez esta comparação notável: “V. Ex. é como o meu Cavalo Maragato, não perde carreira”.

Nos jogos de carta, quando estava perdendo, costumava receitar esta quadrinha, de sua lavra:

Ouvi bater na porta,

Pensei que fosse a Joana...

Eu ando tão caipóra,

Que até o vento me engana...

Possuía lindos cavalos de montaria e de corridas, entre os quais Maragato, S. Sepé, Metralha, Bugre, Picapau e outros. Com este, fiz correr o meu potrilho Actor, com 2 ½ anos, em Maio de 1919, em 3 quadras, pela parada de 2:000\$000N., ganhando o meu tostado, de luz.

Aos 55 anos, com filhas e filhos todos casados, já várias vezes avô, bancou o conquistador, comprando, como foi público e notório, até noticiado, como escândalo, pela imprensa, por cinco contos a honra de uma mocinha, com quem se amigou, abandonando a família, que transferiu residência para Carazinho.

O idílio não durou muito, pois teve, algum tempo depois, uma hemiplegia de origem sifilítica, e lá vivia, com a rapariga, pelos hotéis e ruas da cidade, sempre vestido de guarda-pó muito ordinário, arrastando a língua e a perna. Não tardou muito também que aquela, de seus 16 a 18 anos, abandonasse, pois aquele homem, por mais bronca que fosse, não poderia ser o seu ideal.

Nesse estado, aos mulambos, voltou para sua propriedade, onde curtia a sua mágoa em cálices de boa pinga.

Teve um segundo ataque, seu estado agravou-se e fui chamado para atendê-lo. Causava piedade o seu estado: quem te viu e quem te vê! Sujo, barbudo, de guedelha comprida, inconsciente, coberto de moscas que lhe entravam pela boca, estertorava em um catre rangedor.

Tinham vindo, nesse dia, mulher e filhos, e ninguém teve um gesto de humanidade por aquele desgraçado, e, nem de leve, simulou algum pesar.

A esposa assim se expressou: “É bem feito, esse sem vergonha está pagando o que me fez que morra de uma vez”. O filho mais idoso perguntou: “O velho durará muito a morrer?”

As próprias filhas se mostravam inteiramente indiferentes.

Como médico, nada me restava a fazer, e tratei de me retirar, enjoado e revoltado.

Nessa mesma noite, o Coronel Tico justava contas com S. Pedro.

O enterro foi realizado, no outro dia, à tarde, cemitério do Pontão, distante 3 léguas da casa mortuária.

Ao que soube, vestiram-no com uma roupa qualquer, e o seu caixão era de terceira classe.

Tempo de inverno e de chuva depuseram o ataúde em uma pequena carroça, puxada por velho e magro matungo, e 6 ou 8 pessoas acompanharam o corpo.

Como a noite se aproximasse, e o tempo estivesse ameaçador, apressaram o enterro, mas, algumas quadras antes do destino, o Cavallo cansou...

Parece incrível, mas são voltas que o mundo dá: um homem, que sempre montou em finíssimos animais e teve grandes cavalos de corrida, ser, por um assim, de tal qualidade, conduzido!

Só o explica, a maldade da família. Quando chegaram à necrópole, era noite. Aí, é que se lembraram de abrir a cova.

Alguns dias mais tarde, os corvos voavam baixinho ao redor do cemitério, ou sentavam-se nas adjacências, e alguns mais atrevidos nas toscas cruces de pedra.

Um transeunte curioso procurou ver o que havia, e, à proporção que se aproximava, ia sentindo, cada vez mais, um forte mau cheiro de decomposição cadavérica, e viu então um quadro bárbaro: haviam, com a noite e com a pressa, enterrado o Coronel Tico à flor da terra! Os bichos, nessa noite mesmo, cavaram facilmente, e comeram-lhe parte dos pés e das pernas, que estavam expostas à luz do dia. Amigos do Pontão mandaram endireitar-lhe a sepultura.

Nessa família, por motivo da herança, houve grande desavença.

Todos os filhos homens, em pouco tempo, estavam paupérrimos: esbanjaram, no jogo, o pequeno pecúlio que tocou a cada um, e o mais velho apostou, e perdeu, em uma carreira a última quadra de campo da sua quota.

Os genros, no entretanto, outro sangue e outra tara, conservam-na ainda.

A viúva deu-se ao luxo e às viagens, e esta hoje “in albis”.

Pobre Tico, não quero fazer a tua defesa; tu, apesar dos teus erros, merecias outra consideração, pelo menos por parte dos teus descendentes! Flores e beijos para quem se levanta, pedras e desaforos para quem cai: o mundo está cheio de beduínos...

Pobre Tico, foste, afinal, uma detestável peça teatral, pateado na última cena, pela assistência que, com paciência e irritação, com necessidade e resignação, a vinha, suportando desde o primeiro ato!

Foi, não ha dúvida nenhuma, um triste fim de vida.

Negro crepúsculo... uivos de tempestade... abismo de sua queda horrível!...

Rio de Janeiro, 21 de Agosto de 1935.

104 ERRO DE PONTARIA pg. 113

Quando exilado em Buenos Aires, por motivo de solidariedade que emprestei à revolução paulista de 1932, hospedei-me no Hotel Reina, à Avenida de Mayo, 1120, de propriedade do Sr. Vicente Lopez, e onde passei 5 meses.

Certa noite de Agosto, de frio intenso, houve, nas proximidades de meu quarto, um desusado movimento de abrir e fechar de portas, de gemidos, de altas vozes, de entrada e saída de gente.

De manhã, pela camareira D. Justa, vim a saber do ocorrido: um casal, do interior do País, viera passar a noite nupcial, e respectiva lua de mel, naquela formidável capital.

Ela, argentina, de constituição franzina e muito jovem; ele, turco, tipo de atleta e já maduro em anos.

Jantaram, bem perto de minha mesa, “em El comedor” e flagrante era o contraste de físico e de idade: um touro e uma novilha.

À meia noite, fechou o barulho e rompeu o escândalo, aos agudos gemidos e gritos desesperados da mulherzinha. Chamaram um médico, que atentamente a examinou, medicando-a.

Ao sair do aposento, indagaram-lhe do que acontecera, e o Dr., que se fazia acompanhar pelo marido, não ocultando sua indignação, teve, como única resposta, esta frase esclarecedora e brutal:

“Este puerco le ha metido em el culo”.

O fato no dia seguinte, era alvo dos mais acres comentários, e todos ansiaram por conhecer melhor e observar as caras dos seus protagonistas, os quais, burlando a natural curiosidade, mudaram-se ao clarear do dia.

O turco, explicando-se ao dono do hotel, jurava “prá usted” que fora apenas... erro de pontaria.

Rio de Janeiro, 22 de Agosto de 1935.

105 CORONEL DIDITO pg. 115

Não é, de forma alguma, meu propósito, descrever, nestas linhas, a vida acidentada e triste de Benedito Rodrigues da Silva, por alcunha o Cel. Didito. Direi apenas que era um doente mental, com a mania de ser coronel, cuja patente sempre aguardava; de ser noivo de uma suposta Sophia, que julgava irmã do Dr. Borges de Medeiros e de ter grandes negócios de colônias. Era, por tudo isso e algo mais, um tipo popular, dos que costumavam existir nas cidades.

Muito engraçado, gostava de fazer discursos, usando de frases e comparações originais, pouco auxiliado pela sua língua, bastante atrapalhada. Uma vez, obrigaram-no, depois de um banquete, a saudar, por troça, o General Firmino de Paula, e assim começou: “O general Firmino é um homem valoroso. Matou, num dia, 500 maragatos no Boi Preto”. Foi uma decepção; o general, irritado, deu-lhe as costas, enquanto outros retiravam-no do salão: referia-se o “orador” ao célebre massacre da revolução de 1893, no município de Palmeira.

Para mostrar o quanto era atrapalhado, contarei que uma tarde me disse haver passado o dia, fazendo uma “minijela”, que nada mais era do que uma manivela de poço.

Culpava aos seus parentes mais próximos e aos políticos da época, de lhe terem roubado a patente e o título das terras, e, por isso, movia-lhes uma guerra contínua, enchendo-os dos piores apodos.

Quanto a mim, sempre me respeitou muito, mesmo porque nunca lhe dei ensejo para brincadeiras e dúvidas: ouvia-o com acatamento e aconselhava-o com carinho.

Um dos seus irmãos, Athanagildo Rodrigues da Silva, era o alvo predileto dos seus ataques, apesar de ser o seu maior protetor e amigo.

Athanagildo, um dos homens a quem se pode, sem medo de errar, dizer que é bom e digno, em qualquer sentido, porque, de fato, o é, suportava-o com uma paciência cristã, fornecendo-lhe todo o necessário: casa, alimentos, roupas, dinheiro, etc. De uma feita, Didito adoeceu gravemente, e o seu mano me chamou para atendê-lo: tivera, em consequência de ruptura de uretra, enorme infiltração urinária, que se estendia acima do púbis, com gangrena da região escrotal.

Como se vê, urgia uma internação cirúrgica. Em conferência, e como auxiliares, vieram, ao meu pedido, os Drs. Frederico De Marco e Arthur Leite. O doente esteve cerca de um mês e meio, em quarto particular, do Hospital de Caridade, cercado de todos os cuidados e atenções, restabelecendo-se depois de imenso trabalho.

Recordo-me que, em um dos últimos curativos, por ocasião da passagem de uma sonda uretral, comentara o Dr. De Marco: - Ora veja, Vergueiro, um órgão assim, vagabundo, de domicílio incerto, sem morada habitual, salva-se...

Resolvemos, de comum acordo, cobrar do Athanagildo, atendendo a certas considerações de ordem moral, e de fácil compreensão, apenas 1:200\$000, a dividir entre os três.

Antes da apresentação da conta, que ficou ao meu cargo, por ser o assistente, tive que seguir urgente a Porto Alegre, onde me demorei duas semanas.

Na noite do regresso, aqueles colegas visitaram-me, entregando-me a quantia de dois contos, cuja origem assim explicavam: acharam a minha conta muito

módica, julgaram o trabalho de grande sucesso e cobraram de Athanagildo seis contos, pagos imediatamente.

Fiquei aborrecido e pasmo, e lhes declarei que não aprovava essa atitude, tanto que iria, na manhã seguinte, devolver a quota, que me correspondeu, por julgála, ao meu modo, excessiva.

Não o encontrando em casa, no dia imediato, deixei-a, com ampla e necessária explicação, ao seu cunhado João Nunes.

À hora do almoço, encontrei uma sobre carta, contendendo aquele dinheiro e, pelo meu chauffeur, tornei a devolvê-la. O fato parecia já tão passado em julgado, quando, do Banco da Província, recebi comunicação de que Athanagildo ali depositára dois conto de réis em minha conta corrente credora.

Fui então à sua presença; não houve meio de devolvê-lo, agradecendo a minha atitude em bondosos termos e referências.

Isso tudo se passou em 1921, e em 1934, quando no exílio, soube, com pesar, da morte do Coronel Didito.

Faço, agora, ante o teu cadáver, uma continência, talvez a única que hajás recebido, e peço a Deus que, no seu glorioso reino, te conceda, ao menos um lugarzinho de cabo, posto que, no céu, é maior que marechal na terra.

Rio de Janeiro, 23 de Agosto de 1935.

106 VÁ ENTRANDO pg. 121

É muito comum, quando o médico vai ver um doente em domicílio, que o mandem entrar, seguindo o mesmo a frente e a pessoa da família atrás. Eu não me conformo com isso, principalmente se é a primeira vez que ali penetro, sempre declarando: - vá na frente, pois você sabe onde está o doente, e eu não.

Depois de tomar conhecimento da casa, e do quarto, aí sim, poderei tomar a dianteira. Passou-se comigo, a respeito, numa ocorrência muito interessante, e que vou narrar.

Chamado para atender a uma criança com sarampo, cujo estado reclamava seriamente a presença do médico, à porta, fui recebido por seu pai, muito nervoso, que, desde logo, me fez seguir por um comprido corredor. Ao passar por uma porta, ele mesmo abriu-a, dizendo-me, sem olhar para o interior do aposento: “É por aqui Dr., vá entrando”, o que fiz, e imediatamente se me deparou um inesperado e interessante quadro: sentada em um “bidet” estava a sua ainda jovem esposa, inteiramente despreocupada e nua, na prática de uma lavagem vaginal. A cena foi rápida: eu parei, espavorido, sem saber o que fazer; a mulherzinha, gritando, escondeu-se atrás da porta de um guarda-roupa, e o marido saiu pelo corredor, rápido como uma flecha. Nessas condições deploráveis, a pobre senhora pedia-me que seguisse adiante, onde estava a pequena enferma, no que, com passo firme, a obedeci.

A situação, em geral de grande e indisfarçável constrangimento, obrigou-me mesmo, para evitá-lo, a aconselhar a vinda de um outro colega, o que, de modo algum, aceitaram.

Cada vez que ouço o “vá entrando” lembro-me desse desagradável fato, e tomo as minhas precauções acauteladoras...

Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1935.

107 COMO O VITRÍOLO pg. 123

Nestas despreziosas notas, trabalho meu, repositório simples de alguns acontecimentos, vou, hoje, enfeixar um caso, que bem merecia um estudo de psicologia do caráter, mas deixo a quem, um dia, por acaso, as ler, tirar as conclusões que possa sugerir.

É uma narrativa verdadeira, como fiéis são, asseguro, todas as outras.

Por motivo das grandes campanhas políticas do Rio Grande do Sul, e que tiveram imensa repercussão no município de Passo Fundo, pelo volume e peso do meu eleitorado, tornei-me, em 1919, inimigo do Dr. Arthur Caetano da Silva.

Eu era chefe do Partido Republicano, e ele do Partido Libertador. Em um renhido pleito no 7º distrito, colônia Não me Toque, tivemos acalorada discussão, onde, cara a cara, dirigi-lhe as mais duras verdades, que muito poucas contestou.

A nossa divergência política degenerou em inimizade pessoal, como vai, quase sempre, acontecer.

Estavam as coisas nesse pé, quando uma noite, em Janeiro de 1920, bateu-me em casa a sua Exma. Esposa, implorando-me, entre abundantes lágrimas, a gentileza de atender a um seu filho pequeno, de nome Gaspar, gravemente enfermo.

Fiz-lhe ver, além de outras considerações, que só iria a pedido direto de seu esposo, por isso que não desejava me submeter a um vexame, a uma desconsideração dele, que poderia não estar nesse acordo com a mulher: poderia, por exemplo, dizer-me qualquer coisa assim: eu não lho chamei; sou seu inimigo; não quero os seus serviços; quem manda aqui sou eu, cabeça de casal e chefe de casa; não autorizei essa visita médica e quejandas expressões grosseiras, de que o seu espírito, apaixonado e embriagado pela política, seria capaz.

Em menos de meia hora, procurou-me o Dr. Caetano, que não ocultara sua angustiada aflição pelo estado de seu garoto.

Cumprindo o meu dever de médico, sem tergiversar um só instante, fui até sua residência.

De fato, era gravíssima a situação do doentinho, e resolvi empunhar, com dedicação, todos os meus conhecimentos, a fim de debelar o mal.

Não ocultei a gravidade do prognóstico.

O Dr. Arthur Caetano de Souza, pai carinhoso, chorava, em desespero, como uma criança. Durante 3 dias e 3 noites, permaneci a cabeceira de Gaspar, observando, acompanhando e medicando-o. Exerci mesmo a dupla função de médico e de enfermeiro. Ao quarto dia, iniciaram-se as melhoras, que, pouco a pouco, foram se acentuando até convalescença e completo restabelecimento.

Naquele lar sombrio, onde a morte espreitava pelas janelas, sondando a possibilidade de uma entrada, a alegria entrara de novo, e era eu o alvo dos maiores elogios.

“Meu amigo, meu grande amigo, meu grande médico, o salvador de meu filho, inesquecível gratidão” eram, entre outras, expressões que, a todo o momento, eu ouvia do casal.

À pergunta dos meus honorários profissionais, respondi que nada lhes cobrava, visto como era essa a minha orientação para todos aqueles que, como eu, exerciam profissões, ditas liberais.

Redobravam os oferecimentos, e pediram-me então licença para me fazerem um presente, oportunamente.

Algumas semanas mais tarde, aquele advogado seguiu à Porto Alegre, e, de passagem por Santa Maria, deu ao Jornal da Serra, de Arnaldo Mello, uma entrevista política, bordando considerações a propósito da atualidade da mesma. Respondendo à uma pergunta do jornalista, que versava sobre a escolha do candidato do Partido Republicano à curul municipal, assim se expressou: “O candidato desse partido, na falta de homens, é o Dr. Vergueiro, que, se for eleito, fará uma péssima administração, por ser um mau cidadão, um médico medíocre”.

Foi essa a única recompensa do meu exaustivo trabalho!...

De como a paixão política deforma e cega aos homens como o vitríolo; de como obscurece sua memória, perturba-lhe a razão, embota e apaga seus sentimentos, como a cocaína, esse é um exemplo frisante. Quando o homem tem caráter e fibra, reage e vence, mas, quando não a possui, comete as maiores indignidades.

Miséria humana!

Em face dessa infame canalhice, que plasma um caráter, que retrata uma alma e estereotipa uma vida, neguei-lhe ostensivamente cumprimento, e continuamos inimigos.

- Em 1921, procurou-me no consultório, uma mulher, tipo de criada, com uma robusta menina de meses, ao colo. Firmei diagnóstico bacteriológico: blenorragia

aguda: enorme corrimento de denso pus, com forte mau cheiro. Indaguei da criança; era filha daquelle político: a Serraninha. E agora, que fazer? Deixar aquela inocente sujeita a uma certa e nojenta infecção? Não, não era possível. Os meus sentimentos não permitiam tamanha injustiça. Dei aviso ao Sr. Ivo José Ferreira, proprietário da farmácia Serrana, para que, como resolução sua, sem a menor intervenção do meu nome, comunicasse o fato à família, previndo-a do imediato perigo. Ivo desempenhou-se da incumbência, mas não ocultou o meu nome, dizendo-lhes toda a verdade. No dia seguinte, a Senhora veio pessoalmente me expressar os seus maiores agradecimentos, e aí aconselhei a conveniência de ser, no Hospital de Caridade, internada aquela ama seca.

Continuamos inimigos... não podia me esquecer da patada recebida...

Passaram-se os anos.

Arthur Caetano, em 1924, transferiu a sua residência para São Paulo, só regressando, ao Passo Fundo, depois da revolução de 1932, como consultor jurídico do Banco do Rio Grande.

- Vindo do exílio, cheguei, em minha terra natal, a 27 de Julho de 1934, depois da promulgação de Constituição da República.

Na noite seguinte, às 11 horas, fui procurado pelo Sr. Josino Savinhone Marques, que me solicitara, de parte do mesmo Sr. Caetano, uma visita urgente, pois estava com outra criança muito mal.

O nosso ódio já havia grandemente desaparecido. O tempo, o excepcional anestésico, tudo, na existência, destrói e faz esquecer...

Ao começo neguei-me, mas foi tal a insistência, declaração de arrependimento, de confiança absoluta e da gravidade do caso, que, novamente, assedi: todos os meus ressentimentos calaram-se...

Era uma laringite diftérica, e o soro respectivo, aplicado precocemente, deu ótimo resultado. Na manhã seguinte, o laboratório confirmou diagnóstico. Fiz apenas 3 visitas, e cobreí 150\$000N, que pagou.

Há dias, aqui no Rio, encontrou-se comigo na Câmara Federal, onde, na presença de alguns colegas, fez referências ao meu valor de médico... ao menos isso... antes tarde que nunca... valor para ele... para mim apenas sorte.

Rio de Janeiro, 25 de Agosto de 1935.

108 LABORATÓRIO pg. 131

Há, em Passo Fundo, um laboratório de análises clínicas, que não me oferece a menor confiança: o do farmacêutico Ros. Não quero discutir, e nem este é o lugar próprio, a sua competência, que para uns é grande, e para outros, nula. Para mim, repito, não merece confiança, e razões tenho, de sobra, para tal, e se não, vejamos os quatro casos pessoais seguintes, todos ocorridos em 1934, e que, à saciedade, comprovam aquela afirmação:

1) João de Cezaro, conhecido e apreciado construtor, sentindo-se doente já há dias, foi aquele laboratório, onde o seu proprietário extraiu-se sangue para uma reação de Vidal. Dois dias depois, por telefone, dava-lhe a solução positiva da mesma. Em face disso, fui ali chamado, e pedi, por escrito, o resultado. O analista negou-se a atender, declarando tão somente, porque soubera do meu diagnóstico do mal de Elberth, ter a reação se tornando negativa. Como isso é possível? De começo sim, depois não. Qual das duas é verdadeira? E porque essa confusão? A real é a primeira – positiva – tanto que, o laboratório Tristão Ferreira, sob meu controle, a verificou em seguida. O motivo está em que não foi médico de doente nenhum dos que com ele trabalham, procurando, todas as vezes que pode, atrapalhar e criar embaraços aos outros.

2) Dr. Celso Fiori, ilustre advogado, e, como João de Cezaro, querido amigo, internou sua Exma. Esposa, na maternidade de D^a. Nathalia Bonella, onde, em parto normal, teve o Rénan, seu primogênito. No quinto dia, apareceu, com ligeira reação febril, um corrimento purulento. D^a. Nathalia, sem autorização do

marido da enferma, chamou um médico e mandou a secreção ao Ros, que comunicou, também não por escrito, ter constatado a presença de diplococcus de Neisser. Nada satisfeito, e muito contrariado, o Dr. Fiori admoestou aquela parteira, e me chamou. Solicitei o resultado, e não o pude obter, apesar de reiterados pedidos. Eu mesmo, pois se tratava de uma seria acusação, que poderia trazer graves consequências, na presença de Tristão Ferreira, que preparou a placa, e do Dr. Celso, fiz o exame microscópico da matéria purulenta, e asseguro que o que não havia, por mais cuidadosa pesquisa, era bacilo de Neisser!

3) O Sr. José Brotto, depois de uma violenta cólica hepática, teve uma colicistite infecciosa, que lhe atirou ao leito cerca de dois meses. Mais ou menos no décimo dia, por descargo de consciência, pedi uma reação de Vidal. Chamaram ao Ros para extração do sangue, e só queria fazê-la depois de um tremor de frio, com o que não estive de acordo, pois o enfermo, a não ser no primeiro dia, nunca mais teve calafrios: talvez até hoje ainda estivéssemos esperando. Enfim, retirou-o. Ao cabo de uma semana, deu-me, verbalmente, o resultado negativo, não só da reação de Vidal, como da hemo-cultura. Como o estado de Brotto se agravasse muito, aceitei uma conferência com o Dr. Caneva, e tivemos um encontro de opinião, por isso que este pensava em um caso de febre tifóide. Nunca estive tão seguro de um diagnóstico como esse. Pois bem, foi o que bastou a Ros, ciente do que se passara na conferência, para mandar o resultado positivo, declarando que só agora o pudera bem apreciar.

Negativo? Positivo? Sempre a mesma coisa... em compensação, Tristão Ferreira não verificou bacilo de Elberth, nem na Vidal, nem na hemo-cultura.

4) Antão Bastos teve uma filha, de 9 anos, com enfermidade de garganta. Atendia-a no primeiro dia de moléstia. Contra minha vontade, mas atendendo ao desejo e à confiança da família, veio Ros e imediatamente retirou um pouco da secreção, dando, por escrito, o resultado negativo quanto à difteria. Diante disso, não fiz soro, e sim vacina antiptiogeno Bruschetini polivalente. A moléstia agravava-se de momento a momento, e “malgré tout” injetei 5.000 unidades daquele preparado, exigindo um novo exame microscópico, por Tristão Ferreira, que constatou os bacilos específicos. O restabelecimento não se fez esperar, e em poucos dias tinha alta, curada.

- Os resultados dos exames de Ros eram sempre para contrariar a minha pré-suposta opinião, que, com cuidado, indagava, ou então para favorecer a dos seus médicos amigos.

Isso é mais que maldade, é perversidade!

- Agora, para terminar, vou registrar aqui um caso, de que não sou testemunha: sei-o por ouvir contar por colegas.

O Dr. Bruno Pellegrini, desconfiado da seriedade dos exames Ros, mandou-lhe em tubo de ensaio convenientemente preparado, um sangue para reação de Wassermann. O resultado foi este: +++positivo franco. Sabem de quem era o sangue? De uma galinha...

Nesse caso, burrice é o melhor termo.

Rio de Janeiro, 26 de Agosto de 1935.

109 ENTRE COMANDANTES pg. 137

Na revolução sul-riograndense de 1923, no dia 23 de Junho, travou-se um grande combate, o mais renhido da região, entre as forças da Brigada do Norte e as do Exército Libertador, comandadas respectivamente pelos generais Firmino de Paulo e Felipe Portinho.

O violento embate, que durou das 9 da manhã às 4 da tarde, deu-se no “Desvio Giarreta”, poucos quilômetros de Boa Vista do Erechim.

Só às forças do general Firmino dispararam para mais de 80.000 tiros. Houve elevado número de mortos e feridos, de lado a lado, retirando-se, pelo mato, as forças de Portinho, para o Capoeê Velho, e, vencedor, tomando o povoado, as de Firmino.

Nesse choque sangrento, entre outros, salientou-se, de modo excepcional, o Capitão Luiz Magalhães, a cuja coragem e bravura rendo e presto as minhas homenagens. Pertencia ao Estado Maior daquela Brigada, e, não só aí, como em Soledade, tem ensejo de revelar o seu sangue frio, tática e valor. É um herói

obscuro, e lá vive, em Passo Fundo, paupérrimo, mourejando dignamente na sua pouco rendosa, profissão de agrimensor.

Nessa mesma noite, eu, que ficara designado as forças da cidade, recebi pedido urgente de aumento de munição, quase esgotada, e mandei o Capitão Oswaldo Sintz levar mais 50.000 cartuchos, fazendo, pelo sertão, a viagem em uma locomotiva da Viação Férrea, com linha franca e a toda velocidade.

O general Firmino deixou o povoado de Boa Vista, regressando a Passo Fundo, em menos de 72 horas! Não compreendi, e não compreendo até hoje, aquela atitude: superioridade de número, de armas e de munição... O combate tornou-se inútil e não teve finalidade prática, pois abandonou um ponto estratégico de importância capital, e os adversários, estupefatos, dele tomaram novamente posse, fortificando-se cada vez mais. O seu regresso foi tão precipitado, que deixou, naquele local, em hospital de emergência, sob a direção dos três médicos libertadores Drs. Catharino Azambuja, Mozart de Mello e Caldeira de Alvarenga, para mais de 50 feridos, alguns graves.

O Governo Federal que, diretamente, não se envolveu na luta, havia determinado, em todo o Rio Grande do Sul, umas certas zonas, denominadas neutras, entre as quais as linhas férreas e respectivas estações.

Em Passo Fundo, quartel general das forças provisórias, estava, como ainda está sediado o 8º Regimento de Infantaria, do Exército Nacional, então sob o comando do Tte. Cel. Enéas Pompilio Pires, oficial de cultura e de brilhante carreira, mas que se entregava, de modo lastimável, ao uso e ao abuso do álcool, sob cuja ação vivia constantemente cometendo os maiores escândalos. À pretexto de inspeção da zona neutra, requereu um trem especial, e foi até Boa Vista do Erechim, e aí fez embarcar os feridos da Brigada do Norte, conduzindo-os para Passo Fundo, onde chegou ao escurecer.

O general Firmino, avisado por telegrama, aguardou a chegada do trem para receber os seus soldados baleados, mas o Tte. Cel. Enéas não os quis entregar, travando-se entre ambos, um, que parecia ter sempre em suas veias tintura de pimenta, e outro, alcoolizado, violento e destemperada discussão, em plena gare,

com baixões palavrões, impróprios de homens bem educados, que se presumem ser os de elevada posição: Firmino exigia os doentes, Enéas opunha-se à entrega. Daí passou aquele à ameaça do emprego da força, e este da resistência e revide imediatos. Cada qual mais teimoso e emperrado, já era uma questão de capricho. O escândalo, de meia hora, atingia ao auge: o general Firmino mandou formar os 1º e 3º corpos provisórios, comandados por Victor Dumoncel e Valzumiro Dutra, atrás da estação, e o Tte. Cel. Enéas, na frente, o 8º R. I., que chegou a assestar as suas metralhadoras.

Nesse ínterim, resolvi intervir, e o fiz, com serenidade e com energia, de igual para igual.

Fortemente segurei a ambos pelos braços, e convidei-os para um entendimento comigo. Desde logo acederam, e entramos só os três em um vagão dormitório, em linha auxiliar encostado, e propus que os feridos me fossem entregues, por isso que eu não pertencia a uma força e nem a outra: era apenas médico, e cumpria-me um sagrado dever de humanidade. Valendo-me das melhores tintas, fiz ver do horror que se estava passando no interior daqueles carros, onde urgia a ação do cirurgião; fiz sentir as dores daqueles infelizes, dignos de melhor sorte; fiz compreender a imensa responsabilidade moral que estavam assumindo por aquelas vidas humildes mas merecedoras de amparo, e ainda a responsabilidade criminosa por um estúpido choque sangramento, de consequências as mais trágicas: a questão deles não passava de uma tempestade em copo d'água... discutia-se por vaidade, enquanto os nosso patrícios sofriam e morriam. Como por encanto, sem uma palavra de indecisão, concordaram imediatamente com as minhas ponderações, e ali mesmo lavramos e assinamos uma declaração, em que se consignava ficarem todos os feridos sob os meus cuidados diretos.

As forças foram retiradas, e entramos, também os três, nos carros, sob a luz de portáteis lâmpadas elétricas a contar os baleados, um dos quais já havia falecido.

Eram 57!

Iniciamos, às 9 horas, a retirada dos feridos, em padiolas e em automóveis. Em horas, improvisamos pequenos hospitais em algumas casas desabitadas,

próximas do Hospital, que não mais comportava um doente. Não posso deixar de consignar aqui, e o faço reconhecido, de que uma rapariga por nome Chiquinha, dona de uma casa de tolerância, de uma pensão de mulheres, fez com que todas essas desocupassem os quartos, colocando feridos, servidos por ela mesma, e por sua conta própria, com o maior zelo.

As senhoras de Passo Fundo prestaram enormes serviços: organizaram-se em grupos de enfermeiras, que se revezavam com verdadeira dedicação: Não sei de feridos melhor atendidos: cada qual delas primava nos requintes dos cuidados...

Todas, inclusive a Chiquinha, praticavam a santa e boa caridade, e já o disse o poeta e orador argentino Belisario Boldan: “Rezar é bater às portas do céu, praticar a caridade é abri-las”.

Rio de Janeiro, 27 de Agosto de 1935.

110 DE COMO SE PRENDE UM MÉDICO pg. 145

Não vou tratar dos motivos, ponderáveis ou não, que me levaram ao cárcere, logo depois do desencadeamento da revolução paulista, de 9 de Julho de 1932. Seria um imenso libelo acusatório, e aqui não é o lugar próprio para o seu arquivo... Direi apenas duas coisas: 1º) a solidariedade que emprestei, e de que não me arrependo um só instante, a São Paulo, foi a causa direta da minha prisão, da qual sai tão ou mais digno do que quando entrei, e 2º) no regime discricionário, imperava, em Passo Fundo, o terror sob a direção dos célebres Armando Annes, Lauro Lima e Vazulmiro Dutra, férteis nas maiores intrigas, traição e misérias. Nas cadeias e nos hospícios há gente menos criminosa ou louca.

Humberto de Campos, fazendo, certa vez, um estudo sobre a Alemanha, escreveu: “Os cadáveres em putrefação têm, cada vinte e quatro horas, o seu verme novo. A civilização apodrece. Hitler é o verme do dia.” Pois bem, aqueles tipos, entre outros de menor virulência, foram, nos sombrios dias revolucionários, os vermes da minha terra e das suas cavalheirescas tradições.

Era um luminoso dia 5 de Setembro, aniversário de minha filha Maria. Em casa, preparava-se, para comemorá-lo, um almoço melhorado, e o júbilo estampava-se em nossas fisionomias.

Às 7 horas da manhã, no meu Buik, guiado pelo meu chauffeur Cacildo, sai, com o meu neto Eugenio, para os meus afazeres diários, indo ao Hospital de Caridade, e depois ao consultório. Às 10 fui, como de costume, à livraria Nacional, palestrar com o Hyran, prezado primo amigo, e ver alguma novidade literária ou científica. Estava nessa preocupação, folheando um livro de Nitti, quando, de mim, se aproximou sorridente o Tte. Cel. Vercelino Camargo, comandante de um corpo provisório, assim se expressando.

- Dr., vim chamá-lo urgente. O Coronel Vazulmiro está gravemente enfermo. Ele sabe que o Sr. tem muito serviço, mas pede, com empenho, a sua presença, porque é uma questão de confiança absoluta e de grande amizade. Vamos depressa, Dr., o homem está mal.

Já no interior do meu auto, perguntei-lhe o que acontecera, e o "provisório" em referência me declarou que o seu comandante passara mal a noite, com febre, vômitos e dores muito violentas do lado direito do ventre. Diante dessa informação, era natural que pensasse em um caso de apendicite, e devo confessar que no meu ser travou-se um duelo íntimo, entre cérebro e coração: o cumprimento severo do sagrado dever do médico e o recôndito desejo do homem maldoso.

Resolvi, superiormente, empenhar os melhores esforços, no sentido de seu restabelecimento. Assim, nesse ânimo sereno, chegamos ao quartel, onde vivia Vazulmiro.

Sem de nada desconfiar, completamente calmo e tranquilo, dentro dos altivos dogmas da profissão, penetrei em um vasto aposento de 3 janelas laterais, 1 porta para um gabinete e 2 para um corredor.

Aí, sentado na cama, com o cotovelo apoiado em uma mezinha de luz e com a face palmar da mão direita na frente, de olhos cerrados, estava o Coronel.

Carinhosamente, com a mão no seu ombro:

- Então, Vazulmiro, já estás melhor?

Este, dando um salto da cama, em gesto brusco e inesperado, com os olhos faiscantes de cólera:

- O Sr. está preso...

Era a senha. Em cada janela apareceram dois soldados, de fuzis engatilhados com pontaria para o meu peito, e em cada porta um oficial de revólver em punho.

Não me perturbei.

- Mande atirar, Coronel. Matará um homem digno. Não tenho medo de suas armas. Não sou avestruz que esconde a cabeça, na hora do perigo. Lastimo tão só a sua indignidade, atraindo-me, para este covil, de modo infame, que plasma o seu carácter e é o espelho da miserável situação, a que chegamos. De mim, juro, não ouvirá mais nem sequer um monossílabo. Mande agora atirar.

Recordo-me bem dessas expressões.

Alguns soldados baixaram as armas. Não me retrucou, mas nos seus olhos vermelhos, de pupilas dilatadas, percebi todo o ódio que lhe ia na alma, e na sua boca seca, semi-aberta, toda a sua insaciável sede de... sangue.

Mostrou-me um telegrama, que não li: fez-me algumas perguntas, que não respondi; pediu-me o revólver, entreguei-lhe.

Fui então conduzido, em estado de rigorosa incomunicabilidade, para um quarto do sobrado, que pertenceu ao Sr. Polydoro de Albuquerque Martins, ao lado do 8º R. I.

Nesse mesmo dia, as cadeias encheram-se de presos políticos, entre os quais o meu filho Ruy, mais tarde demitido arbitrariamente do cargo de notário pelo general Flores da Cunha e, poucos dias antes da reconstitucionalização do País, reintegrado por aquele interventor.

Nem mesmo o negrinho Cacildo escapou: foi arrancado do auto, em plena rua, quando conduzia minha esposa, desesperada, ao quartel... a borrasca passou...

restam destroços e indelévels cicatrizes... os bons nada têm a temer, mas cuidem-se os maus, porque é bem certo que quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Não há nada, principalmente em política, melhor do que um dia depois do outro... aguardemos...

Rio de Janeiro, 28 de Agosto de 1935.

111 UM CEGUINHO E UMA BONECA pg. 152

Prometo a mim mesmo, por higiene moral, de não mais tratar, Nestas Notas, desses tipos, cuja barriga sente pelo coração e cujo estômago pensa pelo cérebro, freiras vivas a exigir mercúrio... vou mudar de pena e lavar as mãos... deixo-os entregues à sua própria fermentação pútrida.

Sempre sou muito preocupado com os meus doentes, com quem me identifico; quando, em estado grave, não me furto de vê-los diversas vezes, qualquer hora do dia ou da noite, e, à proporção das melhores vou, pouco a pouco, me afastando. Por isso, tenho sido criticado até por gente que não me conhece bem.

Uma das coisas, que mais a fundo e dolorosamente, me fere os sentimentos, é tratar de criança, cujo mal inspira sérios cuidados, e poucas esperanças tenho de salvação. Como me dói ver semelhante sofrimento! Tenho verdadeira piedade desses pequeninos enfermos, cuja defesa da vida me é confiada. Chego, afinal, a dedicar-lhes sincera amizade.

Sinto, deveras, a morte dessas tenras criaturinhas, e não gosto de apanhar as rosas do meu jardim.

Quando vejo um esquite, que mais parece um berço, vem-me sempre à memória os versos de Guerra Junqueiro:

Oh! Mães que tendes filhos!

Oh! Mães piedosas!

Quando eles morrerem pequeninos

Enfeitai-lhe o caixão de brancas rosas...

E deixai, deixai voar as andorinhas,

Em busca das paragens luminosas.

Dizem que o médico, quer o clínico em geral, quer o cirurgião, de tão habituados de ver as misérias da vida e do corpo, são insensíveis. Aos últimos, até apelidamos de açougueiros. É puro engano, não há mentira maior. É uma brutal ofensa, que nos atiram à cara. Não somos sem coração e sem alma! Somos humanos como os outros, bem humanos, quiçá mais humanos. Nesses dramas pungentes, quando “a vida alonga os braços para a esperança, diante da grandeza do nada” na expressiva frase do notável e saudoso professor Francisco de Castro, quantas doses tremendas, atozes suspeitas, dúvidas cruéis nos martirizam o cérebro.

Apesar, porém, de tudo isso, não posso concordar com a maioria dos conceitos do Dr. Veressayeff, nas suas “confissões de um médico”. Há ali muito exagero, e mesmo uma ponta de maldade.

Só um monstro, só um desgraçado inconsciente ficaria impassível em face dessas terríveis tragédias. O Dr. Jayme Pogy, cirurgião chefe de serviço de cirurgia e ginecologia do Hospital de S. João Baptista, em magnífica conferência proferida aqui no Rio de Janeiro, em benefício da “Casa do Médico”, assim falou: “Ao contrário do que é crença geral, a sensibilidade do médico cresce na razão dos anos decorridos de exercício profissional; tem, porém, necessidade de aparentar tranquilidade, que está longe de sentir e, só por isso, a sua tortura mais intensa se torna”. O Dr. Faure, respeitado e acreditado cirurgião francês, escreveu, de uma feita, um brilhante estudo, que denominou: “l’aimé du chirurgien”. É um trabalho formoso, ilustrado de observações, cuja leitura, por mais que se faça, sempre agrada, e, por vezes, comove vivamente. Digam o que disserem, pensem o que quiserem, julguem-me como entenderem, mas a minha verdade, pelo meu feito moral, é que eu sinto e sofro com os meus doentes, e vibro, com alegria festiva, pelos seus restabelecimentos.

Para mim, a parte mais tenebrosa, mesquinha e acabrunhadora da profissão, é a metálica: julgo-me diminuído do meu valor, abatido de certo nível superior,

quando recebo dinheiro por pagamento, e, se assim o faço, é obrigado por imperiosa precisão. Se fosse rico, com segura garantia de minha subsistência e dos meus, trabalharia sempre gratuitamente, no exercício de um verdadeiro sacerdócio.

Nunca deixei de atender a um chamado de pobre, para quem mesmo dedico especial atenção e cuidado, e quantas vezes o pouco que ganho, em consultório, entrego-lhes para satisfazer suas despesas, de momento. Não quero, e não o farei, exemplificar esses fatos: a esmola contada perde, por completo, o seu valor.

Passo apenas a narrar duas simples ocorrências, dois obscuros e miseráveis dramas, que muito me impressionaram e muito me fizeram sofrer.

- Um certo indivíduo casado, bem quisto (!) alto funcionário público, e que frequenta, com assiduidade, a melhor sociedade local, tem a tenaz morbidez de perseguir mulatinhas e negrinhas, por semanas, meses e anos, até conseguir o seu maldoso fim, abandonando-as pouco depois. Apontam-se ali talvez duas dezenas delas, atiradas por ele no “mar do vício”. É uma triste obsessão, tanto mais violenta, quanto mais fechada a cor.

Enamorou-se de uma crioulinha, e tais foram as promessas, os enleios e os engodos de melhor vida, de tranquilidade, de farto bem estar e até de luxo, que a mísera se lhe entregou de corpo e alma.

De começo, como é comum acontecer, tudo correu às mil maravilhas, e em um mar de rosas, mas bem razão tinha o poeta Zeferino Brasil: “a mulher é o fruto proibido; uma vez alcançado é logo repellido”.

O pseudo-amor, amor de lantejoulas, floresceu em um filho, forte e robusto garoto, flor do lodo.

O homem já estava farto, e abandonou-a ao seu próprio destino.

Todas as suas pobres ilusões evaporaram-se, como éter.

Desonrada, na miséria e com um filho! O sedutor fugia dela como o diabo da cruz, e não lhe dava, nem sequer para o filho, alguns mil reis.

As necessidades aumentavam dia a dia; e atirou-se ao trabalho, transformando-se em lavadeira. Não quis penetrar no fundo do abismo, ficou em meio, apesar de ser muito assediada pelos piratas da época.

Aos dois anos a criança teve sarampo, e daí, sem dieta e medicamentoso cuidado, uma dupla oftalmia purulenta e cegueira dos dois olhos.

Nem assim o conquistador sentiu algum remorso.

Foi então que vim a conhecer mãe e filho, em uma consulta: nada mais havia a fazer e, em prantos, debulhou as contas de seu rosário de martírios. Durante dias, não me saía da memória o estado do desespero daquela infeliz, e o olhar macabro do seu querido filhinho: fi-lo baixar as pálpebras, e que linda criança; fi-lo levanta-las, e que horrorosa criança!

Três anos mais tarde, o chaffeur Angelo veio me chamar para atender aquele menino, em uma fria e chuvosa manhã de inverno. No casebre, numas bibocas, nas proximidades da britadeira municipal, havia falta de tudo, desde as cobertas ao alimento.

O doentinho gemia, numa tarimba, envolto em velhos trapos.

Tirei a minha capa Renner, envolvi-o bem, e, no meu auto, ensanefado [envolto em panos], partimos os quatro, para o Hospital de Caridade. Eu mesmo escolhi um quarto de 1ª classe, e mandei fornecer tudo o que fosse preciso, medicamentos, injeções, cataplasmas, ventosas, balões de oxigênio, etc., recomendando à enfermeira todo o cuidado e todo o carinho.

Tratava-se de uma pneumonia dupla. Entre a vida e a morte, delirou, sempre pedindo brinquedos, durante uma semana, quando começou a melhorar. Muitas vezes pensava eu na vantagem da morte para o próprio menino... seria um desgraçado, a mais, na vida, mas a minha obrigação era tentar salvá-lo, e, graças a Deus, salvei-o. Como continuasse, na convalescença, a falar em brinquedos, fiz-lhe, uma manhã, uma grande surpresa: trouxe-lhe bolinhas de vidro, corneta, tambor, caixinha de música e um cavalinho de borracha. A sua alegria foi imensa; segurava-os um a um, tomando-lhe as formas, batia com as bolas, uma na outra, perto dos ouvidos, e tudo isso rindo e chorando ao mesmo tempo. Os meus olhos

encheram-se de lágrimas. Teve alta curado, levando os seus brinquedos e a minha capa.

Mandei tirar a conta; importava tudo em 600\$000 N. e fui ao editor responsável, a quem tudo serena e minunciosamente expus, com a declaração de que, se não a quisesse pagar, eu o faria. Ouviu-me de cabeça baixa, e entregou-me aquela importância. Exigi-lhe mais duzentos mil reis, de serviços profissionais, que também satisfiz imediatamente.

- Agora saiba, meu patrício, que essa nota de duzentos não é para mim...é para a mãe de seu filho... e embarquei no auto.

Não descrevo a cena da entrega... sinto-a ainda... o garoto, por ordem de sua mamãe, com as mãozinhas a tatear no ar, a procura das minhas para beijá-las... fui eu quem beijou as suas.

- O fato, que acabo de relatar, ocorreu em 1931 e o de agora, vinte anos antes.

Passou-se com uma família, também paupérrima, residente em um casebre, do feio bairro da cadeia, onde a tuberculose, ceifando vidas, tem penetrado em quase todos os lares.

Às 2 horas da madrugada, de uma fria noite de lua cheia, fui atender a uma menina de 6 anos, que estava nas suas últimas horas: o bacilo de koch havia-lhe corroído os dois jovens pulmões, e o seu estado era desesperador.

Naquele quarto, mal iluminado por pequeno e fumacento candieiro de querosene, entre hemoptises frequentes e abundantes, a pobrezinha só pedia uma coisa: “eu quero uma boneca”.

Sai então, e fui, quase correndo, a um negócio próximo, em cuja porta bati fortemente, atendendo-me sonolento o proprietário. Comprei uma boneca, creio que por 30\$000N. e voltei, quase correndo.

A enferma, que era tão somente um feixe de ossos, osculou-o, e muito, tingindo de vermelho, original “rouge”, a cara da risonha bonequinha.

Deixei assim, na satisfação do seu grande e último desejo.

No outro dia, cobertas de murchas flores, as duas bonecas foram juntas, lado a lado, enterradas, no mesmo caixãozinho branco, branco como as garças, branco como a inocência...

Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1935.

112 O JOSÉ pg. 164

D^a Eulina é uma senhora solteira, descendente da tradicional e digna família Gomide, de cerca de 40 anos, muito pobre e que entrou para o Hospital de Caridade, a fim de fazer uma operação de fibroma uterino, o maior que já vi, e que, pelo Dr. Benoni e por mim, foi praticada, com êxito.

Nesse tempo, 1928, aquele frio estabelecimento, que não tinha as hábeis enfermeiras de hoje, de curso especializado, necessitava de uma mulher séria e ativa para sua diretora, e melhor não se poderia encontrar que D^a Eulina, e, por isso, tomou posse do cargo, que o exerceu por 4 anos, com seriedade, dedicação e amor, fazendo mais do que a sua pouca competência indicava.

Entre as virtudes que exornam o seu caráter, salienta-se a bondade.

Agora, o quanto tem de boa, tem de feia. Por uma madrugada alta, chuvosa e regularmente fria, ouviu um continuado choro fraquinho nas escadas da entrada principal, e foi ver do que se tratava: um menino de 3 para 4 anos, seminu, esperneava no patamar, e, ao levantá-lo, o pobrezinho só gritava: “não me surre, não me surre”.

Não trazia um bilhete, uma indicação qualquer.

Vestir, agasalhar, alimentar e fazê-lo dormir, foi a sua primeira preocupação.

Pela manhã, aos berros, repetia, sempre apavorado o “não me surre” e, por algum tempo, assim procedeu, até que compreendeu a inutilidade da frase, pois ninguém lhe tocava, ao contrário, só era cercado de carinhos e agrados.

Depreende-se disso, claramente, que era uma criança muito maltratada por seus pais, que, por qualquer coisa, a espancavam.

Interrogado, somente declarou ser seu nome José e que seus pais, cujo nome não sabia, moravam muito longe, não dando outras informações úteis.

O garoto, de uma linda carinha com expressivo olhar de inteligência, por moléstia congênita da coluna vertebral, é paralítico das pernas.

D^a Eulina, auxiliada por mim, desvelou-se em cuidados: remédios, roupas, brinquedos, carrinho automático, etc. Afeiçoou-se tanto a nós que, a ela chama de mãe e a mim, de pai. Uma vez levou o menino em minha casa, e, orgulhosa do seu bebê grande, contou, toda risonha, essa história, e eu, formalizado, fiz-lhe de propósito, esta pergunta escandalosa:

- Mas D^a Eulina, e eu que não me lembro quando foi isso...

Quase morreu de vergonha.

O José é o maior, ou melhor, o único encanto de D^a Eulina.

Acompanha-o por toda a parte, empurrando o seu carinho.

A última vez, que o vi, foi nos “cavalinhos”, e mandei o Eugenio levar-lhe uns doces: ria-se, com satisfação imensa, das graças de um estúpido palhaço, e, principalmente, das de um anãozinho.

Seus pais nunca se manifestaram. Desgraçados!

Recordo-me, e vem a calhar, que li num conto “Maria do Céu” de Humberto de Campos, a propósito de uma criança também enjeitada, estes conceitos: “De qualquer modo, mereces que todas as mães da terra juntem as mãos, rezando pelo teu destino. Todas, menos a tua. E que todos os pais te deem brinquedos. Todos, menos o teu”.

A boa D^a Eulina só tem uma preocupação na existência: cuidar do José, e com que desvelo o faz!

Aquele mísero e alegre paralítico para ela é tudo: trabalha e vive só para ele.

Que será de ti, José, no dia em que te faltar a mãe que conheces e amas? Se Deus me der vida, acompanharei a tua existência, procurando minorar a tua desgraça... sou o pai que ele conhece.

Rio de Janeiro, 30 de Agosto de 1935.

113 PASSOU PELA VIDA E NÃO VIVEU pg. 168

Segundo acabo de ler, neste momento, n'O Nacional, de 12 do corrente, foi inhumado, no dia 10, em Passo Fundo, minha querida terra natal, de brisas constantes e cantantes, o meu amigo e correligionário João Evangelista de Oliveira Lima, por alcunha o Jango Lima.

Esse homem, que “passou pela vida e não viveu” parece ter tido um signo fatal a persegui-lo impiedosamente; de forte, rico, casado e feliz tornou-se doente, pobre, viúvo e desgraçado: trazia na massa de sangue um recôndito inimigo, e na alma, um cruel destino.

Com coração confrangido, vi-o, algumas vezes, em grande ataque de epilepsia, e, entre um e outro, lastimável era o seu estado... chorou mais, muito mais do que riu...

Foi genro de Guilherme Morsch, o mais puro caráter que conheci, e pretendeu casar-se, de novo, com uma irmã de sua mulher, que, a isso, formalmente se opôs.

Essa repulsa era o ponto nevrálgico dos seus padecimentos morais, e, por vezes, em confiança, revelou-me o seu grande amor desprezado. De uma feita, apareceu-me, em plena agitação, no consultório, em companhia de seu cunhado Ernesto.

- Dr., o Jango está muito nervoso, ele carece de remédio.

De pronto, retrucou:

- Não, Dr., de remédio eu não necessito; o que eu preciso é da irmã dele... e, num repetido “frisson” balbuciando sempre a mesma coisa, caiu, em desesperado pranto, numa cadeira.

Morreu o Jango, e a morte infundia-lhe um horror imenso, aos 68 anos... e até nisso, pelo seu sofrimento tão duro, pela sua tortura tão grande e pelo seu martírio tão demorado, a vida lhe foi ingrata... judiou com ele, que nunca fez mal a ninguém, mas Deus, na sua sabedoria infinita, sabe o que faz, e a nós, míseros

mortais, cumpre acatar, sem revoltas e sem blasfêmias, a trajetória, suave ou áspera, que Ele nos traçou na terra.

Paz à sua alma de sofredor!

Rio de Janeiro, 30 de Agosto de 1935.

114 UMA TRAGÉDIA pg. 171

Um primo meu, rapaz de esmerada educação, de gênio alegre e comunicativo, descendente de respeitável família de Passo Fundo, contraiu matrimônio, em 1910, com distinta senhorita, residente no povoado de Pinheiro Marcado, atualmente parte do município de Carazinho. A lua de mel e os primeiros meses decorreram-se na maior felicidade: “o latão, quando está novo, escreve Heitor Moniz, brilha tanto quanto o ouro”.

Por ocasião do primeiro parto, foi acometida de um gravíssimo ataque de eclampsia, que, por um triz, quase, a levou à morte.

Consegui, no entretanto, salvar mãe e filho.

No fim de 6 meses depois do parto, o marido me procurou para referir que sua esposa, tão apavorada ficara, que não mais queria permitir o ato carnal de amor, com medo de uma segunda gravidez e, nesse sentido, a sua recusa era definitiva. Dei-lhe uma série de conselhos: imediata e abundante lavagem vaginal com antisépticos, uso de camisa de Vênus, pessários de borracha [aneis], preparados com Iteymol e quinino, mas tudo foi baldado... a negativa era formal, terminante, implacável... jamais condescenderia. Iniciou-se então a tragédia conjugal, que foi até à ameaça, que só serviu para aumentar o mal.

Estavam os acontecimentos nesse pé, quando o menino faleceu em consequência de meningite aguda.

Diante do desastre maior, a luta serenou um pouco, para, logo depois, recrudescer mais ativa.

Lembrei então a intervenção de velhas e respeitáveis senhoras amigas, cujos conselhos foram repelidos com indignação e com rude franqueza.

Já um ano fazia, e o pobre moço andava desesperado, tanto mais quanto amava loucamente à jovem e linda esposa, e a sua negativa mais o excitava. Perdida toda a esperança, esgotado o último recurso, em profunda desilusão, resolveu procurar uma válvula de descarga, quebrando, desse modo e contra sua vontade, a decantada fidelidade conjugal.

Afastado do meio, receoso de ser visto em lugares suspeitos, e, principalmente, receoso de ser contaminado por doença venérea, procurou um outro primo seu para encaminhá-lo nessa estrada, que bem desconhecia. Este, solteiro, pirata e cavador, lembrou-lhe uma mulherzinha, que andava fazendo certos favores, na ausência do marido em viagem por S. Catarina e Paraná, e tudo, entre os três, ficou devidamente combinado.

Apesar de “reservada” essa mulher era uma depravada, uma libertina, uma devassa: em pouco tempo, conseguira fama e direito à “rainha” do mais baixo lupanar [casa de tolerância].

À hora marcada, 8 da noite, lá se foi o meu parente.

Aconteceu, porém, que o marido traído soubera do mau procedimento da companheira, e chegara, pouco antes à cidade, escondendo-se nos fundos da casa, para da infâmia verificar-se com os seus próprios olhos.

Nisto bateu à porta, a mulher atende incontinenti e, quando no corredor, já aos beijos, surge aquele, de inopino.

Estalou o escândalo, desabou a tempestade... a casadinha, espavorida, corre para um lado, e o outro para o meio da rua, sendo-lhe disparados quatro tiros que, apesar da escuridão da noite, acertaram todos: um, na região umeral superior esquerda, com fratura óssea; outro, na massa muscular de uma das pernas; o terceiro, semelhante ao primeiro, no outro braço, sem fratura e o último, na altura da 4ª vértebra lombar, saindo na fossa ilíaca esquerda.

Todos os tiros, de revólver calibre 38, foram dados pelas costas.

Feito isso, o criminoso, calmamente, montou a cavalo, fugindo, e dele nunca mais se teve exata notícia: consta que reside em Mato Grosso. O ferido, em péssimas condições gerais, foi operado por mim e pelos Drs. Alcides Pereira e José Maria Gomes, na sua própria residência particular, por isso que, nesse tempo, não havia hospital.

O baleado, em visível estado de perturbação pelo bruto e inesperado fato e semi-inconsciente pela abundante perda de sangue, contou tudo, na presença da família e de curiosos, culpando a esposa, que, pálida, de joelhos e em lágrimas, suplicava, de mãos postas, perdão do seu procedimento... e as cenas mais comoventes tiveram lugar...

À 1 hora, a operação estava terminada: lembro-me que suturamos oito alças intestinais perfuradas e que, da cavidade peritoneal, retiramos uma *Ascaris lumbricoides*, que ali penetrara por alguma daquelas aberturas. Escolheram-me para passar à noite, atendendo ao enfermo.

Às 4, deixando, à cabeceira, uma sua irmã e esposa, sai um momento para tomar uma xícara de café. Ouvi, logo após, um estampido, e corri ao quarto.

Que se passara?

O enfermo pedira, insistente, à sua irmã que se retirasse um instante, pois precisava ter uma explicação íntima com a mulher. Aquela o fez, mas ficou, à porta espiando. De tal percebendo, mandou-a fechar e, nesse momento, fazendo esforço supremo, sacou um revólver, também 38, debaixo do colchão e, rapidamente meteu-o na boca, dando ao gatilho: o projétil penetrou na abóbada palatina e saiu no alto da região fronto-occipital esquerda, enchendo a guarda da cama de massa encefálica...

Morreu dentro de poucos minutos. O quadro de dor pungente é indescritível...

Cinco balaços, e todos com orifício de saída!...

Assim, de modo tão violento e tão desastrado, pelo suicídio, terminou os seus dias, o meu querido parente, cuja memória evoco com respeito e com saudades.

Eu tinha a convicção de que: “o suicídio é a suprema ofensa a Deus. Não sei de nada que lhe seja comparável: nem a blasfêmia, que eu suponho à suprema ofensa à razão: nem o fratricídio, que eu acredito a suprema ofensa à humanidade, nem o matricídio que eu presumo a suprema ofensa à Natureza...” mas Deus, cuja bondade e misericórdia são inesgotáveis, em face das deprimentes e especialíssimas condições, ocasionais e determinantes, por certo, já o perdoou...

Pouco me resta agora a dizer para finalizar as considerações, que me permiti fazer acerca dessa impressionante tragédia.

A viúva, liquidados os seus interesses comerciais, retirou-se, no fim de algum tempo, para a casa de seus pais.

O mundo, é certo, dá muitas voltas imprevistas e, parece incrível, a viúva, teimosa rebelada dos deveres conjugais, casou-se, três anos depois, com um ilustre médico italiano! Vivem, ao que parece, muito felizes... mas não tem filhos...

Seguidamente, quando os vejo juntinhos, sorridentes, todo enamorados, ocorre-me à memória esta pergunta terrível e maldosa:

- Como se arranjará o colega?

Só ele mesmo será capaz de respondê-la... e ponho-me então a filosofar sobre a intrincada psicologia feminina.

A mulher, em última análise, sempre foi, é e será, eternamente, um indecifrável enigma pitoresco...

Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1935.

115 ADVOGADO À MUQUE pg. 180

No tempo em que era promotor público da comarca de Passo Fundo, o Dr. Inocencio Borges da Rosa, atual desembargador do Superior Tribunal do Estado do Rio Grande do Sul, foi, um dia, por acaso, assistir a uma seção de juri, presidida pelo Dr. Guarita, também hoje desembargador.

O réu era um pobre homem que, em um velório, pela madrugada, estando, como de costume, muito alcoolizado, disparou, a esmo, um tiro de revólver, no interior de um comprido corredor muito escuro, indo matar, no fundo, um seu amigo e companheiro de farras e de bebedeiras.

Não tinha advogado de defesa.

Convidados alguns profissionais presentes, todos escusaram-se, e então o Dr. Guarita me dirigiu um apelo para que aceitasse a defesa daquele miserável.

Conhecedor de toda a família do réu, objeto, certa vez, de observação minha, e levado por sentimento de humana piedade, acedi ao convite.

Do crime, já tinha conhecimento, porque ele se dera, exatamente, em uma noite em que estava com o Ruy gravemente enfermo, e, por isso, não pudera ir atender ao ferido, que morreu logo depois.

Mandei vir da minha biblioteca alguns livros de medicina legal, e pedi a um advogado que me desse o artigo de Código Penal sobre perturbação de sentidos.

O promotor desenvolveu cerrada e forte acusação.

Joguei, depois de comentar algumas peças do processo, e de considerações gerais, toda a minha maior argumentação sobre o alcoolismo, em face do crime, baseado nas brilhantes lições de Souza Lima, Vieira Lopes e Vibert.

Falei cerca de uma hora.

O réu foi, por unanimidade de votos, absolvido, e o promotor não apelou, sendo, portanto, solto depois dos cinco dias regulamentares.

Eis aqui um fato interessante, e que, a propósito, narrei no júri: a mãe desse criminoso contraiu matrimônio com um ébrio inveterado, que, de tanto se entregar ao vício, estourou por uma dupla lesão de coração e de fígado, e todos os seus cinco filhos vivos eram degenerados: um surdo mudo; outro surdo mudo e louco; uma, cretina e papuda; outra, microcéfala e parálitica e o réu, borracho contumaz, desordeiro e criminoso. Pudera! Árvore torta só pode dar sombra torta; querer o contrário é querer o absurdo. Aquela senhora casou, em segundas

núpcias, com um tipo sadio e normal, e sadios e normais são os últimos descendentes do casal, o que vem, mais uma vez, demonstrar a ação nefasta do álcool sobre a prole...

O meu “constituente” levou uma grande esfrega e tremenda lição...

Mais tarde, ao par de muitos conselhos, fiz-lhe algumas injeções de soro anti-alcoólico e regenerou-se: nunca mais bebeu, e lá vive ainda, pobre e dignamente, trabalhando pelo pão nosso de cada dia.

Rio de Janeiro, 1º de Setembro de 1935.

116 ESPERTALHÃO pg. 183

Rosso Lago é um agricultor italiano, que, há muito, vive em Passo Fundo, no lugar denominado Paiol das Telhas, distante 6 quilômetros da cidade, e chefe de numerosa família. Uma vez, veio me chamar para atender a uma sua filha.

Tratava-se de um caso de febre tifoide, que, em um mês, já lhe matara 2 filhos.

A moça agonizava: vitimou-a uma hemorragia intestinal.

Procedi a um exame geral na casa e vizinhanças. Havia ali uma imensa falta de higiene: nos porões altos da casa, aliás hábito muito comum dos colonos italianos, dormiam galinhas, vacas e cachorros; a água, de que se serviam para beber, era de um riacho, que tinha bem perto, poucos metros, uma latrina de fossa fixa e, um imundo chiqueiro de porcos, e, a respeito, fiz-lhes ver do constante perigo que os ameaçava. O agricultor italiano é grande trabalhador, mas nas suas casas e até mesmo no seu modo de vestir, é grande descuidado, o que contrasta flagrantemente com o alemão, que é, em geral, muito asseado e tem o prazer de morar em bom prédio, bem caiado e todo de janelas envidraçadas: na habitação do alemão ou seu descendente a limpeza é uma verdade. Existem, não nego, exceção de lado a lado, mas a regra geral é aquela. Tive oportunidade de, em Não

Me Toque, almoçar com o meu dileto amigo Coronel Antonio Augusto Graeff, a convite especial, na casa de Xenophonte Viccari, e toda a comida nos foi servida em... bacias.

Fechado em pequeno parênteses, e voltando ao caso em referência, aconselhei que só tomassem água fervida, assim como verduras. Receitei anti-sépticos para desinfecção, e vacinei todos os da casa e vizinhos e determinei outras providências, no sentido de serem removidas aquelas imundícies.

Por tudo isso, algum tempo depois, mandei-lhe uma módica conta de 100\$000N.

Uma semana mais tarde, apareceu-me o Rosso Lago; vinha me pagar, e deu-me uma nota de 10\$000N, com o que não estive de acordo, chamando sua atenção para o engano. Mostrou-me então a conta: lá estava, de fato, 10\$000N, mas o zero do lado esquerdo do cifrão fora escandalosamente raspado, e tão grosseiro era o truque, que quase chegaram a rasgar o papel.

Num misto de indignação, nojo e revolta, energicamente assim lhe falei:

- Olha, seu gringo, você é um porcalhão; meta já esse dinheiro no bolso e vá embora; você não me deve nada, mas raspe-se da minha presença...

Rápido, rodou nos calcanhares.

- Então, muito obrigado, Dr., ... e contente, esfregando as mãos, lá se foi o sujo espertalhão.

Rio de Janeiro, 2 de Setembro de 1935.

117 SERRANO VELHO pg. 187

Deu-se, no Tope, 5º distrito municipal de Passo Fundo, em 1931, um bárbaro crime: foi morto, e saqueado, um árabe do comércio ambulante, em uma picada, sendo o seu corpo arrastado para o mato e encontrado por um menino, horas depois.

Qual o criminoso?

Não havia uma só testemunha, e nem o mais leve indício de suspeita. O mascate não tinha, naquelas paragens, um só desafeto, quanto mais um inimigo.

Rodeando o corpo estavam alguns curiosos, quando chegaram as autoridades policiais, para auto de corpo de delito e demais diligências necessárias. Entre eles, veio um caboclo muito meu amigo, Rufino Pereira dos Santos, que o quanto tem de bom e de digno tem de inculto e de atrasado: é quase analfabeto e basta dizer que não escreve o seu próprio nome, apenas desenha-o.

Faziam-se os mais desencontrados comentários a propósito do crime, quando depois de caminhar e de observar nas imediações, assim falou o velho serrano:

- Escute, “seu” delegado, o criminoso esteve muito tempo aqui à espera da vítima; o seu cavalo é de estrebaria, patudo, zaino, culhudo e trazia um pelego branco.

A surpresa foi grande e geral, principalmente da autoridade que, espantada, perguntou-lhe então:

- Como é que você sabe de tudo isso?

- É muito simples e não há nada mais fácil; o Sr. venha cá e eu lhe explicarei... está aqui: veja no chão uma porção de pontas de cigarros e isso tudo não se fuma em um momento: repare para o esterco e só obra assim cavalo de trato; observe agora, no chão escavado, as marcas da pata do animal; mire a crina zaina que deixou na árvore quando se roçou e fioa do pelego branco em alguns ramos secos, e olhe, por fim, a mesma árvore, toda roída a casca, e isso só faz o animal fogoso e “inteiro”...

Todos estavam boquiabertos... as observações do caboclo, passadas desapercibidas, eram verdadeiras. De fato, nada mais fácil, como o ovo de Colombo.

Pois bem, tudo isso foi o ponto de partida do inquérito, e de investigação em investigação, chegou-se a descobrir o criminoso, um rapaz jovem, da família Aguirre, que apesar de formal e teimosa negativa, confessou afinal a autoria do crime, mas só o fazendo depois da sentença condenatória de 15 anos e confirmando, com todos os por menores, as exatas previsões do serrano velho.

Rio de Janeiro, 3 de Setembro de 1935.

118 UM GUIA pg. 190

Era estabelecido, em Passo Fundo, com a barbearia denominada Yogui, o meu amigo Hector Cabrera, uruguaio, de pequena estatura, com cerca de 40 anos e muito calvo, para, mais uma vez, provar a verdade do brocardo: em casa de ferreiro, espeto de pau.

Seu passado era um tanto quanto escuro e duvidoso, e ele mesmo, mais tarde, completamente regenerado, não o negava, confessando-se arrependido de suas asneiras e loucuras de moço. Casou-se com uma viúva rica e, por incompatibilidade de gênio, em poucos meses de convívio, requereu desquite amigável, desistindo de qualquer bem que lhe pudesse tocar!

Tinha boa inteligência, esperto e muita leitura.

Dedicou-se ao estudo do espiritismo, e, nesse sentido, era um convicto, um sincero e um dedicado.

De vez em quando, ia ao seu estabelecimento cortar o cabelo e barbear-me e, a respeito do além-túmulo, trocávamos ideias.

Como eu gostasse muito de ouvi-lo, por não ser um explorador e ser um crente sensato, fazia-me verdadeiras preleções espíritas, algumas bem interessantes.

De regresso e uma longa viagem, que fiz ao Rio em 1930, procurou-me, desde logo, para contar uma comunicação que recebera do invisível:

- O Sr. tem um guia espiritual médico, que sempre lhe está presente e o acompanha à cabeceira dos seus doentes, orientando-o em sua clínica, e é por isso que o Sr. é muito feliz na profissão que exerce. Trata-se do adiantado espírito do Dr. Raul Pinto Bandeira, médico de notável competência e que, muito jovem, desencarnou em São Paulo, já há alguns anos.

Tomei bem atenção de suas palavras e do nome do colega ilustre.

Nunca me dediquei ao conhecimento do espiritismo, e respeito-o como crença religiosa e quando exercido com elevação e desinteresse.

A verdade é que, e não oculto, centenas de vezes, ao penetrar num lar ou num hospital, no nobre exercício da medicina, evoco, com admiração, a memória de Raul Pinto Bandeira... e, não nego, tenho sido mesmo muito feliz.

Cabrera já também, em 1932, desencarnou: por ele e pelo meu guia, uma prece.

Rio de Janeiro, 3 de Setembro de 1935.

119 AMIGO DESCONHECIDO pg. 193

Por um dia de intenso calor, à 1 hora da tarde, o meu automóvel corria, com regular velocidade, em demanda de Carazinho, onde eu ia a chamado médico do Coronel Alberto Graeff, quando, logo depois da estação de Pulador, percebi, ainda longe, um homem que seguia, à pé, pela estrada. Diminuindo a marcha, procurei observá-lo.

Afastou-se, respeitoso, do caminho, e, em sua frente, parei o carro. Era um tipo alto, magro, moreno, de barbas pretas, de 35 anos mais ou menos, muito mal trajado, trazendo, como única bagagem, um roto par de sapatos, atados a ponta de um pau, ao ombro.

Na sua fisionomia simpática, pareceu-me ver muita bondade e muito sofrimento.

Falei-lhe, e, apesar das observações de chauffeur, meu compadre Agostinho Cruz, que me dizia baixinho: - o Sr. ainda se arrepende de conduzir homens estranhos, e lembre-se do que, há pouco, aconteceu com o Coronel Gabriel Terra, mandei-o entrar. De fato, esse fazendeiro teve, em Santiago do Boqueirão, um procedimento igual ao meu, e foi morto, no próprio auto, por aquele seu protegido, com um tiro na nuca.

Há benefícios tão grandes, costumava dizer madame de Staël, que só a ingratidão os pode pagar.

Era espanhol de origem, filho de Barcelona; vivia em Buenos Aires; fora a S. Paulo à procura de emprego; esgotado, inutilmente, o seu último vintém, vinha à pé, com destino à Capital Argentina, passando fome e dormindo ao relento.

Ha mais de 24 horas que não se alimentava, e só o fazia por esmola de alguma alma caridosa.

Mostrou-me, em uma inchada caderneta, pequena fotografia de sua esposa e dois filhinhos e, beijando-a, pelos seus olhos cansados e saudosos correram abundantes lágrimas.

Chegamos ao ponto do destino, e antes de atender ao enfermo, deixei o companheiro de viagem, por quem já me afeiçoara, no Hotel dos Viajantes, onde lhe mandei fornecer farto almoço e uma garrafa de bom vinho nacional.

À tarde, comprei-lhe uma passagem de segunda classe pelo primeiro trem, para Uruguaiana; paguei, no hotel, cama, alimento e quarto até o dia seguinte, e ainda lhe forneci 20\$000N, em dinheiro, para despesas de comida.

O meu compadre Agostinho também lhe deu 5\$000N.

O amigo desconhecido escreveu, com boa letra, o meu nome no verso do retrato postal... foi incansável em expressar os seus maiores e melhores agradecimentos, e lembro-me bem da seguinte passagem:

- Deus é bom; Deus me protegeu hoje, dia de Natal; o seu encontro foi o meu único presente de festas; serei sempre seu amigo; nunca me esquecerei do Sr.; hei de lhe escrever de Buenos Aires... ... e parti, deixando-o, triste e pálido, a acenar-me com a sua mão calorosa e suja.

Era, de fato, 25 de Dezembro de 1931, e senti-me alegre e satisfeito com a minha consciência pelo bem que fizera.

Recebi, mais tarde, uma sua carta, e outra com data do primeiro aniversário de nossa viagem... e nunca mais.

Rio de Janeiro, 4 de Setembro de 1935.

